



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/ INGLÊS

**O CONTO DA AIA: VIOLÊNCIA SEXUAL COMO POLÍTICA REPRODUTIVA EM
UMA DITADURA TEOCRÁTICA**

STEFANI FARIA DA MOTTA

RIO DE JANEIRO
2022

STEFANI FARIA DA MOTTA

**O CONTO DA AIA: VIOLÊNCIA SEXUAL COMO POLÍTICA REPRODUTIVA EM
UMA DITADURA TEOCRÁTICA**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/ Inglês. Trabalho realizado sob a orientação da professora doutora Luciana Villas Bôas.

**RIO DE JANEIRO
2022**

FICHA CATALOGRÁFICA

Motta, Stefani Faria

O Conto da Aia: Violência Sexual como Política Reprodutiva em uma Ditadura Teocrática / Stefani Faria da Motta - 2022.

60 f

Orientadora: Luciana Villas Bôas

Monografia (graduação em Letras, habilitação Português/Inglês) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Bibliografia: 57 f

1. Estudo literário. 2. Estudo de gênero. 3. O Conto da Aia. 4. Margaret Atwood. 5. Patriarcalismo. 6. Violência Sexual 7. Religião. 8. Resistência. I. Bôas, Luciana Villas. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras (2022). III. O Conto da Aia: Violência Sexual como Política Reprodutiva em uma Ditadura Teocrática.

Dedico este trabalho aos meus pais, Andréa e João.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus queridos pais, Andréa e João, pelo apoio incondicional. Dedico esse trabalho a eles como uma forma de reconhecimento por todo esforço, carinho e dedicação fundamentais para que eu persistisse em meus objetivos.

À minha irmã, Aline, pelas palavras de apoio e os puxões de orelha quando necessários.

À minha orientadora, a Professora Dr^a. Luciana Villas Bôas, por todas as dicas, feedbacks, conversas, paciência e, principalmente, pelas palavras de encorajamento muito importantes para que eu prosseguisse com esse trabalho, apesar das dificuldades. Seus direcionamentos agregaram um valor imensurável à minha escrita.

À minha amiga, Yasmin, por todo apoio, paciência e companheirismo desde a primeira aula da graduação. Seu apoio foi essencial para que eu pudesse concluir esse trabalho.

Aos professores e professoras da Faculdade de Letras, Centro de Letras e Artes (CLA), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), por compartilharem comigo seus saberes e por terem me ajudado a desenvolver meu senso crítico, muito importante para que eu refletisse sobre questões de gênero que motivaram a escolha do tema deste trabalho de conclusão de curso.

DA MOTTA, Stefani Faria. O Conto da Aia: Violência Sexual como Política Reprodutiva em uma Ditadura Teocrática. 2022. 60 p. Trabalho de Conclusão de Curso - Licenciatura em Letras Português/Inglês, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.

RESUMO

No ano de 1985, em meio a uma forte onda de conservadorismo e à luta feminista pelos direitos das mulheres, a escritora canadense Margaret Atwood lançava uma de suas obras mais conhecidas: O Conto da Aia (*The Handmaid's Tale*, em inglês). Mais de trinta anos depois de seu lançamento, as discussões suscitadas pelo conto sobre liberdades sexuais, controle reprodutivo e controle dos corpos das mulheres por um sistema teocrático patriarcal tornam-se mais atuais do que nunca. Na teocracia apresentada no conto, as mulheres férteis têm o direito sobre seus corpos revogados, por um grupo religioso extremista, Filhos de Jacó, que toma o poder nos Estados. Com a ascensão da extrema direita e do fundamentalismo cristão no Brasil e no mundo, valores conservadores e tradicionais, semelhantes aos adotados pelos Filhos de Jacó, passam a influenciar políticas públicas sexuais e de reprodução da atualidade. Através deste trabalho me proponho a investigar como a violência de gênero é articulada na narrativa de Offred. Baseada em Grace (2001), Hogsette (1997) e Menegotto e Indrusiak (2021) argumento que, através do ato de narrar sua experiência como aia, Offred pode reivindicar sua voz e reconstruir sua identidade além daquela imposta a ela pelo regime à medida que dá voz a outras mulheres da mesma casta. A partir da percepção sobre gênero de Simone de Beauvoir (2016), pretendo analisar como o estupro das aias é institucionalizado como política reprodutiva, considerando o papel fundamental da religião na legitimação das violências e abusos cometidos contra as aias baseada em Zukoski e Tardivo (2018)

Palavras-chave: O Conto da Aia; Patriarcalismo; Violência Sexual; Religião.

DA MOTTA, Stefani Faria. *The Handmaid's Tale: Sexual Violence as Reproductive Politics in a Theocratic Dictatorship*. 2022. 60 p. Concluding Course Paper - Licenciatura em Letras Português/Inglês, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.

ABSTRACT

In 1985, in the midst of a strong wave of conservatism and the feminist fight for women's rights, Canadian writer Margaret Atwood released one of her best-known works: "The Handmaid's Tale." More than thirty years after its publication, the discussions raised by the tale about sexual freedom, reproductive control and the control of women's bodies by a patriarchal theocratic system are more relevant than ever. In the theocracy presented in the book, fertile women have their right over their bodies suspended by an extremist religious group, Sons of Jacob, which takes over power in the States. With the rise of the extreme right and of Christian fundamentalism in Brazil and in other countries around the world, conservative and traditional values, similar to those adopted by the Sons of Jacob, began to influence current sexual and reproduction public policies. Through this work I aim to investigate how gender violence is articulated in Offred's narrative. Based on Grace (2001), Hogsette (1997) and Menegotto and Indrusiak (2021) I argue that, through the act of narrating her experience as a handmaid, Offred can claim her voice and reconstruct her identity beyond the one imposed on her by the regime as she reinscribes the voices of other women from the same caste. Based on the perception of gender by Simone de Beauvoir (2016), I intend to analyze how the rape of the handmaids is institutionalized as a reproductive policy, considering the fundamental role of religion in legitimizing violence and abuse committed against handmaids based on Zukoski and Tardivo (2018)

Palavras-chave: *The Handmaid's Tale*; Patriarcalism; Sexual Violence; Religion.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. CONSTRUÇÃO NARRATIVA	18
2.1. Uma narrativa de resistência	23
2.2. <i>Historical notes</i> : artefato vs experiência	29
3. MAY THE LORD OPEN: MATERNIDADE E RELIGIÃO EM GILEAD	38
4. SEXUALIDADE E CONTROLE RELIGIOSO EM GILEAD	46
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57

1. INTRODUÇÃO

No ano de 1985, em meio a uma forte onda de conservadorismo e à luta feminista pelos direitos das mulheres, a escritora canadense Margaret Atwood lançava uma de suas obras mais conhecidas: *O Conto da Aia* (*The Handmaid's Tale*, em inglês). Inspirada pela ascensão da direita cristã nos Estados Unidos e pela teocracia puritana americana do século XVII, Atwood cria um mundo distópico obscuro no qual um grupo de mulheres, as aias, servem de escravas sexuais para os homens do alto escalão da República de Gilead. Através da narrativa de Offred, a aia protagonista do conto, e narradora de primeira pessoa, somos transportados para um mundo de opressão amparado por um fundamentalismo religioso. Hoje, mais de trinta anos depois de *O Conto da Aia* ter sido publicado, a história de Offred continua relevante por dialogar com a ameaça aos direitos das mulheres na atualidade. A leitura da obra evidencia a fragilidade dos direitos já conquistados e, ao mesmo tempo, motiva o questionamento sobre a desigualdade social entre homens e mulheres na nossa sociedade. Através deste trabalho, pretendo discutir como *O Conto da Aia* pode ser lido como um espelho crítico da nossa realidade em relação à violência de gênero, bem como das origens dessa desigualdade de gênero e como ela se mantém tão fortes na nossa sociedade ainda hoje.

Atwood já era uma escritora conhecida por abordar em seus romances, contos e poemas a temática da opressão feminina e dominação patriarcal. No entanto, *O Conto da Aia* se destaca dentre suas obras anteriores, não apenas por ser seu primeiro trabalho de ficção especulativa, mas também, pelas questões feministas abordadas no conto, como aponta Hogsette: “Atwood distinguishes *The Handmaid's Tale* by exploring those important feminist and humanist concerns explicitly in terms of the power of dynamics of discourse within social, political, and economic communities” (1997, p.263). À época do lançamento do livro, a perspectiva social sobre as mulheres parecia refletir uma maior valorização de suas habilidades e necessidades. As posturas dominantes sobre o papel e o direito das mulheres, a sexualidade e a família se alteraram significativamente, com certos valores da contracultura

passando a integrar o senso comum e com muitos estilos de vida tornando-se aceitos pela população em geral. Em 1980, mais da metade das mulheres casadas trabalhavam fora de casa, a taxa de divórcio havia aumentado e atitudes mais liberais com relação à sexualidade prevaleciam (Purdy, 2007, p.267). No entanto, as mulheres ainda eram oprimidas por valores patriarcais que enfatizavam expressões tradicionais de feminilidade, especialmente àquelas relacionadas aos papéis sociais de esposa e mãe, ainda considerados parte da essência da mulher.

Neste contexto, o movimento feminista, mesmo sendo muito heterogêneo, uniu-se em um grito pela libertação das opressões. Nos Estados Unidos, durante as décadas de 1970 e 1980, mulheres ressurgiram na cena pública, nos mais variados contextos, com organizações feministas locais, estaduais e federais criadas ou fortalecidas naquele período. Em sua crítica à sociedade, os variados feminismos, que constituíam a segunda onda do movimento feminista, partiam da premissa de que mulheres e homens possuem as mesmas capacidades humanas e deveriam, por isso, ser igualmente respeitados e ter os mesmos direitos sociais (Zirbel, 2015). As mulheres pela primeira vez falavam diretamente sobre as relações de poder entre homens e mulheres construída a partir da inferiorização e dominação da mulher pelo homem. Sobre as características da segunda onda do feminismo, Regina Pinto afirma que:

O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher no trabalho, na vida pública, na educação, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. Aponta, e isto é o que há de mais original no movimento, que existe uma outra forma de dominação além da clássica dominação de classe, a dominação do homem sobre a mulher e que uma não pode ser representada pela outra, já que cada uma tem suas características próprias (Pinto, 2010, p.10).

Embora as mulheres já tivessem conquistado direitos fundamentais e estivessem ocupando espaços públicos, sua emancipação não poderia ser completa em uma sociedade patriarcal que mantém as mulheres em posição de desigualdade em relação aos homens. Para as diferentes mulheres, em suas diferentes posições sociais e experiências de vida, a opressão era vivenciada de maneiras distintas. Para muitas, a libertação no plano da sexualidade (poder ter prazer, ter mais de um parceiro sexual ou expressar sua homoafetividade, por exemplo) era central e urgente. Para outras, a questão da opressão estava atrelada ao casamento e ao universo doméstico. Para milhares de trabalhadoras, por outro lado, o cerne do problema seguia sendo o sistema econômico que as explorava: o capitalismo (Zirbel, 2015). Havia, ainda, o forte sentimento de que as opressões vivenciadas nos espaços privados se

entrelaçavam com as desigualdades e opressões políticas (Zirbel, 2015). Hanisch, jornalista e fundadora do grupo Mulheres Radicais de Nova Iorque (*New York Radical Women*) argumenta em seu ensaio publicado em *Notes From the Second Year: Women's Liberation*, 1970, que a maioria dos problemas que as mulheres enfrentavam em seu dia a dia eram, na verdade, resultado de estruturas políticas profundamente enraizadas que eram patriarcais e intrinsecamente opressivas (Bose, 2017). Dessa forma, a dinâmica de poder na relação entre marido e esposa refletiria uma estrutura de poder centrada no homem como líder, provedor e chefe da família, cabendo à mulher ocupar uma posição de submissão ao seu marido. De acordo com Hanish, a conscientização dessas mulheres sobre as opressões seria um ato político, uma vez que para a ativista qualquer relação que envolva uma dinâmica de poder é uma relação política, ainda que seja no âmbito doméstico. A percepção de que os problemas pessoais das mulheres tinham uma dimensão política maior associada a eles foi um marco importante para a segunda onda do movimento feminista.

O movimento feminista exerceu um papel importante na luta contra os valores defendidos pela Nova Direita em ascensão nos Estados Unidos. Este movimento político apoiado, dentre outros grupos sociais, por religiosos, em sua maioria cristãos evangélicos, era contrário aos novos valores sexuais e morais que emergiram dos anos 1960. A Nova Direita americana fazia oposição à luta pela liberdade sexual das mulheres assumindo um compromisso de promover as diferenças de gênero, reconhecendo-as como necessárias para a manutenção da relação tradicional marido-esposa. O combate pelo que diziam ser “os valores cristãos” se concentrou mais nos debates contra feminismo e os movimentos homossexuais. Evangélicos criticaram o feminismo, a homossexualidade, o aborto, o divórcio, “a falta geral de autoridade social” e o ensino da Teoria da Evolução nas escolas (Purdy, 2007, p.269). Conservadoras religiosas lançaram campanhas contra o aborto, para muitos “o pior pecado da revolução sexual”, chamando seu movimento de “O Direito à Vida”. Este grupo religioso conseguiu, inclusive, pressionar Reagan, então presidente dos Estados Unidos, a impor restrições às políticas reprodutivas relacionadas ao aborto (Purdy, 2007, p.270).

Esta organização religiosa conquistou muito espaço em várias redes de televisão que passaram a dedicar parte de sua programação ao conteúdo de cunho religioso. Os programas promoviam os valores da família tradicional, baseada no casamento heteronormativo entre pessoas brancas, no qual o marido exerce papel de provedor, enquanto a mulher se ocupa dos afazeres domésticos e da educação dos filhos. Duas lideranças político - religiosas se destacam dentro desse contexto: Pat Robertson, fundador da Christian Broadcasting Network

(CBN) e presidente da Christian Coalition, e Jerry Falwell, ministro religioso e televangelista fundador da Moral Majority.

A Moral Majority, em linhas gerais, reivindicava o papel de representante do anseio da maioria dos americanos pela retomada dos valores tradicionais pró-família e pró-América. Para a Moral Majority, pautas como a liberdade sexual da mulher e a homossexualidade eram evidência da decadência moral dos Estados Unidos. Em defesa da família tradicional e dos valores patrióticos, a organização religiosa se articulou politicamente buscando representantes em todas as esferas políticas, fazendo campanha aberta para candidatos conservadores nos quais orientava os fiéis da igreja a votar, fazendo oposição à declaração que visava garantir direitos iguais para homens e mulheres (*Equal Rights Amendment*, ERA), além da revogação de leis que garantiam direitos básicos a homossexuais. Sua influência no âmbito político foi um fator decisivo para a eleição de Ronald Reagan como presidente no início dos anos 80.

Um grupo de ideologia muito semelhante toma o poder após um golpe de Estado em *O Conto da Aia* (1985). Filhos de Jacó é o nome de um grupo religioso extremista que instaura um regime teocrático totalitário em grande parte do território dos Estados Unidos. Apoiando-se em uma interpretação fundamentalista da Bíblia, condenam o sexo que não seja para fins reprodutivos, retiram todos os direitos das mulheres e obrigam àquelas que são férteis, e consideradas promíscuas e pecadoras, a se tornar aias para que gerem os filhos dos Comandantes dos Fiéis, homens da elite. O estupro das aias é institucionalizado como política reprodutiva sob o pretexto de aumentar as baixíssimas taxas de natalidade entre a população caucasiana. Os Filhos de Jacó encontram precedente para o estupro no relato bíblico de Raquel e Bilha: Não podendo gerar filhos de seu marido Jacó, Raquel oferece a ele Bilha, sua serva, para que tenham relações sexuais para que dessa maneira o casal pudesse ter filhos (Bíblia, Gn 30:1-3). Os Filhos de Jacó selecionam algumas passagens da Bíblia para legitimar as violências e os abusos cometidos pelo regime contra as mulheres, principalmente as aias. Dessa forma, é atribuído ao plano de Deus o repovoamento da República de Gilead, como os Estados Unidos passaram a ser chamados depois do golpe, através da violência sexual.

Para a criação de Gilead, Margaret Atwood teve como inspiração a teocracia puritana da Nova Inglaterra do século XVII. Segundo a autora, esta seria a base de fundação dos Estados Unidos:

The deep foundation of the United States—so went my thinking—was not the comparatively recent 18th-century Enlightenment structures of the Republic, with their talk of equality and their separation of Church and State, but the heavy-handed theocracy of 17th-century Puritan New England—with its marked bias against

women—which would need only the opportunity of a period of social chaos to reassert itself (Atwood, 2018).

De forma similar ao puritanismo do século XVII, em Gilead a religião é instrumentalizada de modo a legitimar a submissão da mulher ao homem. As mulheres em Gilead são divididas em castas em função de sua fertilidade, ficando cada casta responsável por prestar algum tipo de serviço e desempenhar algum papel social tradicionalmente associado às mulheres. As esposas dos comandantes, mulheres em posição mais elevada na sociedade em decorrência do status de seus maridos: Marthas, empregadas nas casas dos comandantes: tias que controlam os Centros Vermelhos, prisões temporárias onde mulheres férteis são doutrinadas e condicionadas para se tornarem escravas sexuais: aias, mulheres férteis que devem ceder seus úteros ao comandante: econoesposas, mulheres pobres casadas com homens de baixo status, não-mulheres, mulheres que não se adequam ao regime. Esposas, Marthas, tias e aias estão em posição de submissão aos comandantes, homens de posição mais elevada na hierarquia que controlam o governo teocrático de Gilead. Todas devem cumprir obedientemente suas funções, pois não há espaço para transgressão nesta sociedade, o preço da traição ao regime e aos seus valores é a morte por enforcamento ou ser destituída da qualidade de mulher tornando-se assim uma não-mulher cujo destino é as Colônias, campos de trabalho forçado de alta exposição a material tóxico.

Segundo Atwood, os enforcamentos e espartilhamento de opositores ao regime, as vestimentas próprias de castas e classes sociais, a procriação forçada e a apropriação dos resultados, as crianças roubadas pelos regimes e entregues aos membros do alto escalão para que sejam educadas por eles, a proibição da alfabetização e do acesso à leitura, a negação dos direitos de propriedade - todos tiveram precedentes, e muitos deles foram encontrados, não em outras culturas e religiões, mas dentro da sociedade ocidental e dentro da própria tradição cristã (Atwood, 2018). Vale destacar que a escritora faz uma ressalva sobre a tradição cristã ao dissociar as práticas e doutrinas da Igreja ao longo de seus dois milênios de existência e a figura de Jesus Cristo (Atwood, 2018). Percebe-se desta forma uma preocupação por parte de Atwood de construir uma narrativa verossímil que reflete preocupações e medos femininos em relação a retirada de direitos: “I made a rule for myself: I would not include anything that human beings had not already done in some other place or time, or for which the technology did not already exist. I did not wish to be accused of dark, twisted inventions, or of misrepresenting the human potential for deplorable behavior” (Atwood, 2018). Atwood, de fato, não precisou inventar os valores patriarcais e o extremismo religioso que permitiu a

ascensão de um grupo fundamentalista cristão ao poder. Tampouco precisou inventar o controle das mulheres e seus descendentes como base de um regime repressivo quando há precedentes na história, Napoleão e sua “bucha de canhão” e a escravidão, por exemplo. Nas palavras da própria Atwood: “I transposed to a different time and place, but the motifs are all historical motifs” (Atwood, 2017).

Apesar das referências históricas e dos paralelos com a realidade sócio-política dos Estados Unidos nos anos 80, alguns críticos encararam com certo ceticismo o alerta de Atwood sobre a fragilidade dos direitos conquistados pelas mulheres. Outros questionaram o feminismo excessivo da obra e a sua estrutura narrativa. Mary McCarthy, em 1986, escreveu no *The New York Times*: “As a dystopia, this is a thinly textured one. [...]” enquanto Paul Gray, no mesmo ano, escreveu para *Time*: “As a cautionary tale, Atwood’s novel lacks the direct, chilling plausibility of *Nineteen Eighty-Four* and *Brave New World*. It warns against too much: heedless sex, excessive morality, chemical and nuclear pollution. All of these may be worthwhile targets, but such a future seems more complicated than dramatic”.

Sobre a repercussão do livro nos Estados Unidos, Atwood (2018) afirma que: “Despite a dismissive review in the *New York Times* by Mary McCarthy — it was more likely to be, *How long have we got?*” Para Joyce Johnson, em 1986, para *The Washington Post*: “She looks into the clouded glass of the future and, fully attuned to some of the negative signals in the present, envisions startling but by no means illogical consequences”. Para Christopher Lehmann- Haupt, 1986, do *The New York Times*, o conto apresenta um estudo psicológico: “a taut thriller, a psychological study, a play on words. It has a sense of humor about itself, as well as an ambivalence toward even its worst villains, who aren’t revealed as such until the very end. Best of all, it holds out the possibility of redemption. After all, the Handmaid is also a writer. She has written this book. She may have survived.”

Desde o seu lançamento, em 1985, *O Conto da Aia*, tem atraído leitores por meio de sua premissa singular de uma distopia centrada nas mulheres e na opressão infligida a elas. Embora o tema da opressão seja recorrente no gênero ficção científica, as mulheres não costumam ser protagonistas deste tipo de narrativa. À época de seu lançamento, o romance esteve durante 23 semanas na lista de livros mais vendidos do *The New York Times* e foi traduzido para mais de 35 línguas. Em 1990, foi adaptado para o cinema sob direção de Volker Schlöndorff. Embora o filme não tenha sido bem-sucedido, a história de Offred continuou atraindo o público, tendo recebido um programa de rádio na BBC e uma adaptação em formato de ópera nos anos 2000, além de ter sido premiado com o Governor General’s Literary Award for English-language fiction em 1985 e com o Arthur C. Clarke Award como

melhor obra de ficção científica em 1987. Nos últimos anos, houve um aumento significativo no número de vendas de *O Conto da Aia*. O sucesso do livro foi amplificado pela grande popularidade da adaptação do conto em formato de série produzida pelo serviço de streaming Hulu. A série chamada *The Handmaid's Tale*, título do livro no original, em inglês, foi exibida pela primeira vez em 2017, logo após os Estados Unidos assistirem à posse presidencial de Donald Trump. Sucesso de crítica e público, a série, atualmente em sua quinta temporada, já recebeu mais de 70 prêmios, entre Emmys, Globos de Ouro, Critics' Choice Television Awards, dentre outras premiações. Desde a sua estreia, manifestantes mulheres ao redor do mundo vestiram a roupa vermelha com a touca branca usada na TV pelas aias oprimidas em Gilead, em protestos a favor do direito ao aborto em Buenos Aires e Dublin, em comícios anti-Trump em Varsóvia, e contra a nomeação de Brett Kavanaugh para a Suprema Corte dos Estados Unidos. Em 2019, 35 anos após o lançamento de *O Conto da Aia*, o livro *Os Testamentos* (*The Testaments*, no original) é lançado como sequência do conto. O livro foi uma das obras premiadas em outubro de 2019 com o Man Booker Prize no Reino Unido.

Em 1985, *O Conto da Aia* já provocava discussões sobre a relação entre as previsões feitas por Atwood e o contexto político e social dos Estados Unidos. Hoje, depois de mais de 30 anos de seu lançamento, cabe questionar a relevância da obra diante da realidade que vivemos. Como um livro tão fortemente inspirado em um período específico da história americana ainda se relacionaria com o presente não só daquele país, mas também do Brasil? Nos últimos anos temos visto uma nova onda conservadora e fascista ameaçar a democracia e os direitos das minorias no Brasil bem como em outros países pelo mundo. Políticos como Donald Trump e Jair Bolsonaro tornaram-se presidentes de seus respectivos países promovendo um discurso de ódio contra as minorias. Com o slogan, "Brasil acima de Tudo, Deus acima de Todos", Bolsonaro se elegeu à presidência prometendo lutar contra o "kit gay", termo pejorativo usado para designar um material que supostamente estimularia a homossexualidade em crianças, mas que, na realidade, era um projeto parlamentar desenvolvido por ONGs sob a tutela do Ministério da Educação. Suas falas preconceituosas têm como alvo, além da comunidade LGBTQIAP+, as mulheres. O atual presidente é conhecido por suas falas e atitudes extremamente machistas e misóginas. Enquanto ainda era deputado federal, refletiu a cultura de culpabilização da vítima de violência sexual ao afirmar que Maria do Rosário, também deputada federal, como uma mulher que não merecia ser estuprada por não ser seu tipo de mulher e por ser muito feia (Chagas, 2022). Em abril de 2019, o presidente chegou a afirmar: "quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade", refutando a ideia de que o Brasil seria lugar para o que chamou de "turismo gay".

Dois meses depois, Bolsonaro referiu-se ao país como "uma virgem que todo tarado de fora quer" (Rocha, 2019). Recentemente, em outubro de 2022, em campanha para o segundo turno das eleições, Bolsonaro comentou em entrevista a um podcast a ocasião em que “pintou um clima” entre ele e adolescentes venezuelanas menores de idade que, segundo ele, estariam se prostituindo (Sadi, 2022).

O discurso autoritário, conservador e fascista do atual presidente conquistou uma base fiel de apoiadores que viram em Bolsonaro uma possibilidade de ruptura com a velha política, marcada por casos de corrupção, e a defesa dos valores tradicionais da família e a exaltação de um nacionalismo que transformou os militares em heróis do Brasil. O discurso conservador e machista promovido pelo atual presidente e apoiado por seus seguidores se assemelha àquele usado por muitos conservadores durante os anos 80. Esta semelhança torna ainda mais alarmante o futuro sombrio que preenche as páginas do conto: quais e quantos direitos poderiam ser retirados? Que aspectos da narrativa de Offred poderiam se tornar realidade? Considerando alguns acontecimentos recentes, Gilead não parece tão distante. Um exemplo da ameaça aos direitos reprodutivos das mulheres tornou-se notícia recentemente quando, em uma reportagem da *Folha de São Paulo*, foi denunciada pela jornalista Victoria Damasceno (2021) a solicitação de autorização do marido para a inserção de DIU (dispositivo intrauterino) em mulheres casadas em postos de saúde de São Paulo. Notícias como essa demonstram como a narrativa de Offred em *O Conto da Aia* continua refletindo a fragilidade dos direitos conquistados pelas mulheres ao longo de anos de luta feminista. Os direitos já institucionalizados que gozamos como mulheres hoje seriam comparáveis aos direitos que Offred, a aia narradora-protagonista do conto, tinha assegurados no período anterior à Gilead. Esses direitos, no entanto, foram facilmente retirados após um golpe de Estado orquestrado pelo grupo religioso fundamentalista, Filhos de Jacó.

“Now I'm awake to the world. I was asleep before. That's how we let it happen. When they slaughtered Congress, we didn't wake up. When they blamed terrorists and suspended the constitution, we didn't wake up then, either. Nothing changes instantaneously. In a gradually heating bathtub, you'd be boiled to death before you knew it” (Atwood, 1986, p.150).

O contexto político e social que resultou na ascensão dos Filhos de Jacó foi sendo articulado aos poucos, com pequenas mudanças que culminaram em um golpe de Estado. Offred diz estar acordada agora porque antes ela ignorava tais mudanças: “We lived, as usual, by ignoring. Ignoring isn't the same as ignorance, you have to work at it” (Atwood, 1986, p.72). Offred ignorava, inclusive, a violência cometida contra as mulheres sem perceber que

isso poderia ser um indicativo de uma violência sistemática que viria a ser institucionalizada e legitimada após a instauração do regime. Refletindo sobre sua ignorância Offred afirma: “There were stories in the newspapers, of course, corpses in ditches or the woods, bludgeoned to death or mutilated, interfered with as they used to say, but they were about other women, and the men who did such things were other men”. (Atwood, 1986, p.73). A aia não se reconhecia como vítima em potencial das violências relatadas nas notícias do jornal. A personagem parecia entender os direitos dos quais desfrutava como sendo permanentes e, portanto, não seriam passíveis de revogação.

No entanto, uma crise de fertilidade tornou-se catalisador para a instauração de uma ditadura teocrática opressora e violenta, principalmente para as mulheres. Transformar mulheres férteis em propriedade do Estado e escravas sexuais dos comandantes não aumentou significativamente a taxa de natalidade, mas com o embasamento bíblico devidamente distorcido o estupro pôde ser normalizado. Sendo as medidas adotadas pelos Filhos de Jacó ineficientes, o que motiva a violência de gênero que lemos nas páginas do conto? O que motiva a divisão de castas em Gilead? Por que as aias são privadas de seus direitos e afastadas de seus filhos e família quando essas mulheres são apenas barrigas de aluguel para os comandantes e suas esposas? Percebemos que a opressão direcionada às aias pouco tem a ver com a crise humanitária de natalidade, uma vez que tais medidas podem ter o efeito contrário ao esperado quando há a possibilidade de os comandantes serem inférteis.

Nossa sociedade atualmente, assim como aquela em que Offred vivia antes do regime, passa por crises de diferentes âmbitos. Enfrentamos atualmente uma grave crise climática, vivemos em um mundo pós-pandemia de Covid-19, em estado de alerta a ameaça de uma nova pandemia causada por outras doenças. Vivemos uma forte onda de revisionismo histórico, no qual fatos como as atrocidades cometidas durante a ditadura militar no Brasil são desacreditados ou minimizados, vivemos uma onda de fascismo e consolidação de um discurso de ódio que ataca minorias e o direito das mulheres de decidir sobre seu próprio corpo, criminalizando o aborto mesmo em casos de violência sexual. Em um contexto de crise política, climática e social que vivemos hoje, como os nossos direitos, especialmente os das mulheres, podem ser afetados? Nossos direitos podem ser revogados?

Através deste trabalho me proponho a investigar o que motiva a violência de gênero na sociedade que Offred descreve no conto. Sendo as leis de Gilead orientadas por valores patriarcais, é necessário identificar como o processo de “ser mulher” é construído nesta teocracia de modo a normalizar a violência sexual contra as aias como parte “natural” da fecundação. A partir da percepção sobre gênero de Simone de Beauvoir (2016), pretendo

analisar a influência do patriarcalismo na retirada de direitos reprodutivos das mulheres e na institucionalização do estupro das aias como política reprodutiva. Baseada em Zukoski e Tardivo (2018), discuto em minha análise a instrumentalização do discurso religioso sob um viés patriarcal como mecanismo fundamental para a legitimação das violências e abusos cometidos contra as aias.

2. CONSTRUÇÃO NARRATIVA

Haveria muitas maneiras de apresentar uma sociedade distópica, mas Margaret Atwood, em *O Conto da Aia* (1985), escolhe dar voz à Offred, uma aia, transformando-a em narradora e protagonista desta distopia. Offred inicia sua narrativa algum tempo após um golpe de Estado que culminou no assassinato do presidente dos Estados Unidos e dos membros do Congresso. O golpe, orquestrado por um grupo religioso extremista chamado Filhos de Jacó, instaura uma ditadura teocrática em praticamente todo o território dos Estados Unidos agora conhecido como República de Gilead. Os líderes do regime, homens brancos denominados Comandantes, governam o país segundo dogmas religiosos e valores ultraconservadores que os possibilitam transformar, institucionalmente, mulheres e seus corpos em propriedade do Estado.

Uma nova organização social em castas é estabelecida de maneira a refletir a ideologia teocrática dos Filhos de Jacó. Segundo a hierarquia social de Gilead, a casta das aias ocupa a posição mais baixa e forma, portanto, o grupo mais oprimido nesta sociedade. Aias sofrem um processo de desumanização sendo validadas socialmente apenas pela fertilidade de seus

úteros. O papel social imposto às mulheres férteis é o de genitora dos filhos dos homens do alto escalão de Gilead. A função de aia dentro do regime carrega um estigma negativo em decorrência das relações sexuais extraconjugais que são forçadas a ter com um comandante. O estupro das aias é institucionalizado sob o pretexto de reverter os baixíssimos índices de natalidade. A perpetuação desse estigma pode ser associada à repressão da sexualidade feminina imposta pelos valores patriarcais promovidos por um discurso religioso extremista e misógino que concebe o sexo apenas como uma forma de reprodução. Estigmatizada pelas mulheres de outras castas e esvaziada de sua humanidade, Offred, sendo uma aia, torna-se alvo de abusos físicos e psicológicos institucionalizados por lei. A narradora-protagonista faz um registro oral dos abusos que sofre através de um antigo gravador. Entre o relato de suas idas ao mercado e de suas visitas às escondidas ao escritório do comandante, Offred registra, através de flashbacks, lembranças de sua vida anterior ao regime. Sua mãe, sua filha, Moira, sua melhor amiga, Luke, seu marido são personagens recorrentes de suas memórias do tempo em que ela mesma tinha um nome próprio, e não um patronímico formado por of (do inglês “de”) seguido pelo nome do Comandante ao qual ela serve, *of Fred*. Trata-se de um passado muito distante de sua realidade no presente como escrava sexual em Gilead e assim como outras informações sobre seu passado e identidade, Offred prefere não revelar seu nome tampouco o nome de sua mãe ou filha.

Mulheres, na República de Gilead, são esvaziadas de sua subjetividade, individualidade e direitos para que possam assumir identidades pré-estabelecidas pela hierarquia social instituída em Gilead. Offred entende a importância de seu nome, aquele que foi dado a ela ao nascer, na construção de sua identidade como indivíduo, por isso prefere mantê-lo em segredo.

My name isn't Offred, I have another name, which nobody uses now because it's forbidden. I tell myself it doesn't matter, your name is like your telephone number, useful only to others; but what I tell myself is wrong, it does matter. I keep the knowledge of this name like something hidden, some treasure I'll come back to dig up, one day (Atwood, 1986, p. 84).

O trecho acima exemplifica o conflito entre duas versões da Offred: A mulher que existia em um período pré-Gilead e a mulher que serve ao regime como aia. Em um primeiro momento, Offred tenta se convencer de que seu nome não tem tanta relevância, seria tão esvaziado de sentido como um número de telefone, como uma forma de ecoar as opressões impostas pelo regime a todos, mas principalmente, às mulheres, sobretudo às mulheres férteis.

Antes de ser designada para servir ao Comandante Fred, Offred passou por um processo de doutrinação no Centro Vermelha Raquel e Lia. Lá, ela foi ensinada que a posição que viria a ocupar na sociedade, é uma posição de honra (Atwood, 1986, p.16) e que deveria cultivar a modéstia em seu comportamento para que dessa forma se tornasse invisível (Atwood, 1986, p.42). Não ter um nome que a individualize é apenas mais uma forma de invisibilizar uma aia. Na comparação entre seu nome e número de telefone, Offred ainda afirma terem, ambos, valor apenas para os outros, mas não para si mesma. Há um paralelo entre a atribuição de valor ao seu nome e a fertilidade de seu útero. Offred é obrigada a gerar os filhos dos comandantes mesmo contra sua vontade, pois a aia não tem direito de escolha sobre seu próprio corpo. Desta forma, seu útero fértil pode ter valor apenas para o comandante e a sua esposa que desejam ter um filho, mas não para a mulher que servirá, forçosamente, como uma mera incubadora humana.

Entretanto, assim como em tantos outros trechos do conto, a narradora-personagem questiona o lugar imposto a ela nesta ditadura teocrática. Há aqui uma demonstração de resistência às ideologias do regime. Offred não apenas questiona a importância de ter sua individualidade expressa por um nome próprio como também se opõe a abrir mão dele totalmente, também, por isso, prefere guardá-lo para si, como um tesouro. A resistência à doutrinação do regime é parte intrínseca da narrativa de Offred, é intrínseca ao ato de narrar em si como afirma Lorene Birden:

In the world of *The Handmaid's Tale*, to narrate one's story is a form of resistance and in this sense Offred's "'artistic' mixture of past, present, and hypothetical scenarios constitutes an attempt to resist the credo of Gilead and its rejection of former times and mores (Birden, 2002, p. 133 apud Menegotto e Indrusiak, 2021. p.598).

Ao contar sua história, Offred tem a possibilidade de reconstruir sua identidade para além da identidade reduzida ao papel social de aia que lhe foi imposto. A narrativa permite-lhe elaborar uma versão alternativa de si mesma e da realidade que a circunscreve. A rememoração do passado desempenha papel fundamental neste processo de construção de uma identidade e narrativa própria. Ao longo de seu relato, Offred relaciona passado e presente por meio de duas narrativas paralelas que se entrelaçam em suas memórias fragmentadas e flashbacks. Em primeiro plano, temos os relatos do cotidiano da personagem que evidenciam um ambiente super vigiado, o risco iminente de morte por enforcamento, o exílio para as Colônias, a expectativa pela gravidez de uma aia como uma forma de assegurar sua sobrevivência por mais algum tempo. Através de comparações entre sua realidade no

passado, período pré-Gilead que compreende flashbacks de momentos da sua infância até o momento que foi capturada pelos Guardiões da Fé, polícia de Gilead, e a sua realidade no presente, desde o período de sua doutrinação no Centro Vermelho até o momento em que é levada pelos Guardiões da casa de seu comandante. Por meio de constantes comparações entre passado e presente, Offred pode reconhecer seu presente como tal e distinguir duas realidades completamente distintas. Offred é apresentada em *O Conto da Aia*, como uma mulher vivendo em um não-lugar entre duas realidades. Sendo a transição para o regime ainda muito recente, Offred mantém lembranças vívidas do tempo de antes, ao mesmo tempo em que já é capaz de ecoar em seus pensamentos os dogmas do regime. De acordo com Foust Vinson: “Narrative and schematic frames allow us to give meaning to our life-experiences and make connections between personal and collective life-events” (2010, p. 36). É somente através da organização de suas percepções dentro de uma narrativa que a personagem poderia construir sentido sobre a opressão que sofre pelo regime: “in imagining, constructing, scripting our memories, we give a shape and an identity to an existence that otherwise would be no more than a welter of disorganized physiological and perceptual events” (Ender, 2005, p. 3 apud Foust Vinson, 2010, p. 36). Diante disso, o ato de narrar sua história permite que a aia construa sentido das experiências de vida pré - Gilead e suas experiências como aia à medida que ecoa os ideais do regime e, paradoxalmente, tenta recuperar seu senso de identidade.

O conto pode, ainda, ser dividido em outros dois eixos - a narrativa de primeira pessoa feita por Offred e uma nota histórica, intitulada *Historical Notes*, através da qual o leitor é confrontado com o questionamento da veracidade do relato. Trata-se de uma espécie de parecer produzido, por dois acadêmicos, professor James Darcy Pieixoto e professor Knotly Wade, apresentado no Décimo Segundo Simpósio sobre Estudos sobre Gilead em 2195, aproximadamente dois séculos após o fim do regime. A transcrição parcial das atas do simpósio encontra-se no epílogo do livro. Trata-se da reatualização do antigo *tópos* do manuscrito encontrado, embora, neste caso, o documento autêntico seja não apenas o registro vocal de uma narração, mas também o parecer oficioso dos historiadores a respeito da sua veracidade. O conto parece terminar com uma dupla ficção. Através do epílogo, a sociedade de Gilead torna-se o passado de um futuro. Muitos anos depois do fim de Gilead, a história de Offred seria publicada como um manuscrito intitulado *O Conto da Aia*. A gravação da sua história de vida teria sido encontrada em um conjunto de fitas cassete trancadas em um armário do exército em Bangor, Maine. As fitas, cerca de trinta, de autoria desconhecida, não estavam numeradas, nem dispostas em nenhuma ordem particular. A mesma voz feminina

pode ser ouvida em todas as fitas, mas sem nenhuma indicação sobre a ordem que deveriam ser ouvidas. Coube, ironicamente, a dois homens, dois acadêmicos, Pieixoto e Wade, transcrever e organizar a narrativa de uma mulher, uma aia, oprimida por uma ditadura teocrática anos depois ao fim do regime. Ao longo do epílogo, acompanhamos a palestra dada por Pieixoto, um historiador de prestígio durante o simpósio sobre estudos gileadianos. Em sua palestra o acadêmico tem como objetivo discutir os problemas de autenticação na narrativa transcrita por ele e professor Wade, expondo suas inconsistências em meio a comentários machistas proferidos pelo próprio palestrante.

Segundo Chinmoy Banerjee, o epílogo de *O Conto da Aia* (1985) constituiria uma tentativa de contextualizar historicamente a narrativa de Offred: “The main function of the notes is apparently to ground and explain the tale” (Banerjee, 1990, p. 87 apud Grace, 1998, p.157). O epílogo cumpre essa função ao apresentar informações sobre o contexto político e social dos Estados Unidos pré-Gilead que forneceram o combustível que permitiria a tomada do poder pelos Filhos de Jacó através de um golpe de Estado muito bem-sucedido: poluição por resíduos tóxicos, políticas racistas e taxa de natalidade em “queda vertiginosa” (Atwood, 1986, p.358). O epílogo também apresenta ao leitor mais informações sobre o funcionamento do regime à medida que Pieixoto explica para os ouvintes o processo de investigação adotado para descobrir a verdadeira identidade de Offred, do Comandante e sua esposa e Nick, motorista do comandante com quem Offred tem um caso.

Para Hogsette (1997), por outro lado, o epílogo seria uma indicação de como não ler o relato de Offred. Segundo ele, “Atwood uses the epilogue in order to instruct her readers how to construct themselves as the audience of her contemporary novel and of Offred’s dystopian narrative” (Hogsette, 1997, p.273). As instruções da autora apontam para uma leitura focada na empatia pela experiência terrível vivida por Offred. Através desse olhar empático, os leitores seriam capazes de entender o papel da narrativa de Offred como forma de empoderamento de uma mulher silenciada por um regime extremamente opressivo, principalmente para mulheres. Como membros da “audiência” da protagonista, os leitores poderiam desenvolver uma melhor percepção sobre o que significa ser uma mulher em Gilead: “As a member of Atwood’s audience, we can comprehend her portrayal of female isolation, loneliness, frustration, and terror in a world where women are objectified as natural resources” (Hogsette, 1997, p.273). Uma leitura muito objetiva, focada somente no aspecto histórico do conto, como a de Pieixoto, seria limitante no que se refere à compreensão das nuances da narrativa e do ponto de vista da narradora-personagem. De acordo com essa perspectiva, a narrativa de Offred seria claramente experiencial, como um reflexo de seus

próprios pensamentos e, principalmente, perspectivas múltiplas e contraditórias, ao invés de constituir um relatório objetivo centrado unicamente na historicidade dos fatos narrados.

Professor Pieixoto, o personagem, por sua vez, não compartilha desse ponto de vista. O acadêmico parece restringir o valor do conteúdo das fitas a um registro histórico desconectado de seu valor como narrativa autobiográfica. O historiador analisa a narrativa em busca de informações que comprovem a autenticidade da narradora e das outras personagens de sua história, lamentando a escassez de informações precisas e reveladoras sobre o funcionamento do regime. Essa leitura da narrativa parece estar fortemente relacionada à tentativa de Pieixoto de comprovar a autenticidade do relato de Offred e da mesma forma poderia justificar a postura complacente assumida por Pieixoto diante dos horrores narrados por Offred. Ao questionar a autenticidade do relato, expondo suas inconsistências, lendo-o apenas como um registro histórico, o acadêmico poderia levar o leitor a considerar as inconsistências da narrativa e a circunstância de que a narrativa na verdade foi feita em retrospectiva. Como esta circunstância, omitida pela narradora-personagem, pode influenciar a leitura do conto? Sendo o leitor apresentado no epílogo do conto ao professor Pieixoto como um especialista em estudos sobre Gilead, o leitor também poderia ser levado a refletir sobre a autoridade, o papel, do professor na construção da narrativa de Offred. Vale notar que Pieixoto, com a ajuda de outro acadêmico, professor Wade, foi responsável por transcrever e organizar a narrativa das fitas baseado em um pouco de adivinhação e suposição, como o próprio admite durante sua palestra (Atwood, 1986, p.355). Assim, o relato que foi lido como um texto autobiográfico, controlado apenas pelo eu narrador, revela-se altamente mediado por autoridades além da autora. A narrativa de Offred seria analisada e remodelada por homens em uma sociedade posterior àquela em que viveu. É preciso analisar como os discursos da comunidade acadêmica do futuro, representada pelo professor Pieixoto, podem condicionar a leitura do relato de Offred. Como o ponto de vista de Pieixoto focado exclusivamente na historicidade do relato da aia pode condicionar o envolvimento do leitor com a narrativa?

2.1. Uma narrativa de resistência

Offred inicia sua narrativa ainda no Centro Vermelho Raquel e Lia, lugar para onde foi levada depois de ser capturada pelos Anjos, polícia de Gilead. Deitada em um catre do exército onde outrora havia sido um ginásio esportivo, Offred, em suas reflexões sobre aquele espaço, lembra que aquele lugar, no tempo de antes, havia sido uma escola, mas hoje funciona como uma espécie de prisão temporária para onde mulheres férteis são levadas a fim de serem

doutrinadas e aprenderem sobre as liturgias do novo regime. A narradora recorda os jogos que costumavam acontecer nesses espaços; eventos que costumavam atrair muitos espectadores, mulheres vestindo minissaias e posteriormente calças, vestimentas proibidas em Gilead. O ambiente escolar, antes parte do cotidiano dos americanos e hoje proibidos, evocam lembranças sensoriais na narradora-protagonista de um passado ainda muito recente: “I thought I could smell, faintly like an afterimage, the pungent scent of sweat, shot through with the sweet taint of chewing gum and perfume from the watching girls (...)” (Atwood, 1986, p.11). A descrição detalhada de Offred deste espaço, incluindo até mesmo os cheiros e perfumes que poderiam ser sentidos por quem os frequentavam, demonstra como a transição para o novo regime, através de um golpe de Estado, é ainda muito recente. Desta forma, fica implícito que o processo, em andamento, do apagamento da história prévia daquele país, ainda não foi completamente eficiente em ressignificar todos os símbolos da sociedade de antes.

Ainda no primeiro capítulo do conto, Offred recorda os bailes que costumavam acontecer em ginásios esportivos, mais uma vez a narradora-personagem descreve detalhadamente como aquele ambiente, no seu presente, um contexto de opressão, costumava evocar expectativa e diversão: “Dances would have been held there; the music lingered, a palimpsest of unheard sound, style upon style, an undercurrent of drums, a forlorn wail, garlands made of tissue-paper flowers, cardboard devils, a revolving ball of mirrors, powdering the dancers with a snow of light” (Atwood, 1986, p.11). Mais uma vez há um apelo aos sentidos na descrição feita por Offred, os sons ouvidos nessas ocasiões, as luzes do globo de espelho. Além disso, é interessante notar como a narradora compara os bailes e danças que aconteciam naquele espaço com um palimpsesto, *palimpsest*, um manuscrito em pergaminho que era apagado pelos copistas na Idade Média, para nele se escrever de novo. Bailes, sendo parte da cultura escolar norte-americana, são eventos que se repetem ano após ano, mas nunca da mesma forma. Como um palimpsesto, a cada nova cerimônia, uma antiga história dá lugar a uma nova com novas personagens vestindo outras roupas da moda, novas músicas, novos sons ainda que o cenário seja o mesmo. É possível estabelecer um paralelo entre os bailes como sendo palimpsestos e o processo de apagamento das identidades individuais em Gilead. Há uma tentativa do regime de apagar por completo a identidade prévia da narradora, seu senso de individualidade e sua subjetividade a fim de padronizá-la de acordo com a casta a qual passa a integrar em decorrência da fertilidade de seu útero e, também, por ser considerada uma pecadora por ter sido amante de Luke. Como um palimpsesto ou uma versão ultrapassada de um baile, Offred teria sua história reescrita, a

partir da qual uma nova identidade seria construída, uma nova versão de si mesma, porém dentro do contexto opressivo de Gilead, ela não seria a autora desta nova história; seria apenas uma personagem sem controle sobre sua própria narrativa. Offred, no entanto, não aceita tão passivamente o papel que é imposto a ela pelo regime. A personagem faz do ato de narrar sua história um ato de resistência através do qual pode entender sua nova realidade ao passo que (re) constrói sua identidade.

O ato de narrar sua história possibilita que Offred cogite múltiplas e distintas formas de representar a sua experiência à medida que constrói diferentes versões de si mesma e das personagens que fazem parte de sua história. Dessa forma, a personagem pode construir em sua narrativa no capítulo dezoito, por exemplo, três versões diferentes do que teria acontecido com Luke, seu marido, por exemplo (Atwood, 1986, p.128-131). Por outro lado, seu relato, a história que conta com adaptações de sua realidade, é também sua vida, sua experiência como aia, emoções e sentimentos reais de alguém que viveu o regime de Gilead. Ao ficcionalizar sua própria história, Offred pode construir sentido sobre si mesma e sobre a realidade adversa a qual é submetida, como pontuado por Grace:

:

By fictionalizing, by thinking of her experiences as those in a story, by inventing multiple possibilities, Offred can come to terms, to some extent, with what is happening to her. Her life is not a story, but a genuine sequence of experiences—but it is also a story, a sequence of experiences given meaning and context by her process of self-composition, and the truth resides more in the story Offred constructs (or reconstructs) than it does in the facts (1998, p.159).

De acordo com essa perspectiva, a narrativa de Offred seria claramente experiencial, como um reflexo de seus próprios pensamentos e, principalmente, perspectivas múltiplas e contraditórias, ao invés de constituir um relatório objetivo centrado unicamente na historicidade dos fatos narrados. Pretendo discutir melhor essas duas leituras sobre a narrativa de Offred na seção sobre as notas históricas, *historical notes*, apresentadas ao final do conto.

Offred estrutura sua autobiografia a partir de dois eixos: seu dia a dia em Gilead e suas vivências no tempo antes do regime que, por sua vez, são reveladas mediante flashbacks de momentos distintos de sua vida que compreendem sua infância até o momento que é separada de seu marido e filha e levada para o Centro Vermelho. O eixo estruturante da narrativa são nos contrastes entre duas realidades distintas, aquela que existia antes do regime e a outra que foi constituída após a instauração do regime teocrático de Gilead. Os contrastes entre realidades, como pontuado por Malak (1987, p.8), possibilitariam aos leitores ter acesso a

vida de Offred antes do totalitarismo: those shifting reminiscences offer glimpses of a life, though not ideal, still filled with energy, creativity, humaneness and a sense of selfhood, a life that sharply contrasts with the alienation, slavery, and suffering under totalitarianism. Estes contrastes são estabelecidos a partir das comparações entre passado e presente feitas pela narradora-personagem à medida que ela nos guia por suas memórias de momentos distintos de sua vida. Em um trecho do conto, por exemplo, Offred recorda-se do que a *Lilies of the Field* (Atwood, 1986, p. 37), no presente uma loja de roupas para aias, costumava ser no período pré-Gilead:

Lilies used to be a movie theater, before. Students went there a lot; every spring they had a Humphrey Bogart festival, with Lauren Bacall or Katherine Hepburn, women on their own, making up their minds. They wore blouses with buttons down the front that suggested the possibilities of the word *undone*. These women could be undone; or not. They seemed to be able to choose (Atwood, 1985, p.37).

Em Gilead, diferentemente da sociedade do passado, não existem cinemas ou qualquer outra produção cultural. Filmes foram proibidos, embora alguns registros em vídeo do tempo de antes sejam usados nos centros de doutrinação das aias, chamados de Centros Vermelhos. No trecho acima, Offred também se recorda de como eram as mulheres que frequentavam *Lilies of the Field*: mulheres independentes fazendo suas próprias escolhas, mulheres que pareciam ter direito à escolha. As mulheres em Gilead, por outro lado, têm o direito à escolha reduzido a se adequar ao Regime ou ser enviada para as Colônias, áreas em Gilead contaminadas por lixo tóxico para onde mulheres consideradas inadequadas ou desobedientes são enviadas para fazer trabalho forçado. Para uma mulher fértil nesta sociedade, são dadas duas opções: servir como escrava sexual dos comandantes, tornando-se desta maneira uma aia ou morrer nas Colônias. As condições de vida nas Colônias são terríveis como podemos observar neste diálogo entre Rita e Cora, Marthas que trabalham como empregadas na casa de Fred, o comandante ao qual Offred serve:

Once, though, I heard Rita say to Cora that she wouldn't debase herself like that. Nobody is asking you, Cora said. Anyways, what could you do, supposing? Go to the Colonies, Rita said. They have the choice. With the Unwomen, and starve to death and Lord knows what all? said Cora (Atwood, 1986, p. 19).

Como observado por Cora, as condições de vida nas Colônias são tão precárias a ponto de fazerem a outra opção, tornar-se uma aia, algo razoável. Além da escassez de alimento, as condições de trabalho e a exposição a material tóxico reduzem drasticamente a expectativa de vida de uma mulher condenada a trabalhar em um lugar como esse. Diante da

realidade da vida nas Colônias, tornar-se uma escrava sexual e ser estuprada parece ser a única alternativa para uma mulher fértil em Gilead.

Offred, em sua função de aia, precisa ser capaz de distinguir entre quem deve ser no presente, um mero receptáculo (Atwood, 1986, p.83) esvaziado de subjetividade e direitos de quem costumava ser no passado, uma mulher com família, trabalho e direitos. Através dos flashbacks de sua vida de antes, a narradora-personagem pode estabelecer diferenças entre duas versões completamente distintas de si mesma: a mulher que existia antes do regime e aquela que precisa sobreviver a ele. Além disso, é importante que Offred seja capaz de reconhecer sua vida de aia como algo real, estabelecendo limites entre sua realidade no presente e as lembranças que preserva em sua memória. Podemos identificar ao longo do conto o esforço de Offred para estabelecer esse limite: *Nothing takes place in the bed but sleep; or no sleep. I try not to think too much. Like other things now, thought must be rationed. There's a lot that doesn't bear thinking about. Thinking can hurt your chances, and I intend to last* (Atwood, 1986, p.51).

A personagem associa o controle sobre seus pensamentos e memórias à sua sobrevivência. Poderia ser perigoso para Offred se perder em suas memórias do passado e perder seu elo com a realidade de seu presente e se dissociar de seu papel como aia que é o que a mantém viva. Offred pretende sobreviver ao regime na esperança de poder estar com sua filha e marido novamente. Ela diz esperar por uma mensagem de seu marido desaparecido que viria resgatá-la:

The message will say that I must have patience: sooner or later he will get me out, we will find her, wherever they've put her. She'll remember us and we will be all three of us together. Meanwhile I must endure, keep myself safe for later. What has happened to me, what's happening to me now, won't make any difference to him, he loves me anyway, he knows it isn't my fault. The message will say that also. It's this message, which may never arrive, that keeps me alive. I believe in the message (Atwood, 1986, p.130).

É a expectativa de receber uma mensagem como essa de Luke, seu marido, que mantém Offred viva, apesar dos abusos e das violências que sofre (Atwood, 1986, p.130). Para manter-se viva, Offred deve ser capaz de reconhecer seu presente enquanto tal e é através de comparações entre passado e presente que a personagem pode tomar consciência de quem é em Gilead, uma aia.

Diante das circunstâncias em que vive, o passado também oferece recursos de defesa e de resistência às violências físicas e psicológicas às quais Offred é submetida. O passado que

já não existe perdura através de suas memórias, por vezes, inconstantes e através de suas narrativas não inteiramente confiáveis. Ao contar sua história, Offred torna-se capaz de construir uma identidade própria ao passo que recupera um senso de individualidade proibido pelo regime. De acordo com Hogsette, “writing, or in her case [Offred] speaking out, validates an individual existence; it proves the writer-speaker was, at some point, or still may be, alive” (Hogsette, 1997, p.269). Este processo de empoderamento da narradora-personagem através do ato de contar sua história se deve ao papel que histórias compartilhadas exercem na construção de identidades individuais e coletivas como argumenta Foust Vinson (2010, p.8) baseada em Freeman (2007, p.12): “The stories that we share and the various iterations of the past that we personally and collectively tell become who we are as individuals and as remembering communities, be they relatively accurate historical reconstructions or wholly fictional accounts of our lives and the past”. As possibilidades narrativas para uma mulher em Gilead, assim como em nossa sociedade, são profundamente limitadas por uma estrutura patriarcal tradicional que determina um papel de protagonismo aos homens, Comandantes da Fé, conferindo a eles prestígio e poder sobre as narrativas que ajudam a dar forma aos novos dogmas machistas e misóginos impostos naquela sociedade. Ao decidir contar sua própria história, Offred subverte a dinâmica de poder que estrutura aquela sociedade, assumindo o controle sobre como e o que seria contado sobre sua vida de antes e sua vida no presente, sem aceitar passivamente o apagamento de sua história prévia ou de sua identidade. Dessa forma, ao contar sua história, Offred constrói uma versão própria da realidade que “ataca” a versão oficial do Estado totalitário de Gilead:

She (Offred) learns that the source of reality is in language use itself. She discovers that just as Gilead uses language to construct one version of reality, she too can use it to construct another, subversive, at least, counter version, one that directly attacks the version Gilead promotes. By telling her story, Offred fashions an alternative reality and forces it into the world, into history and thus makes possible political and social change (Hogsette, 1997, p.270).

Construir uma realidade oposta ao regime e perceber-se como indivíduo em um contexto em que uma mulher, principalmente uma aia, não tem valor como tal, transforma-se em um ato de resistência através do qual Offred recupera sua própria voz à medida que ecoa as vozes de outras aias. Kauffman (Kauffman, 1989, p.227 apud Hogsette, 1997, p. 264) pontua a importância do registro de Offred para outras mulheres subjugadas e oprimidas pelo regime totalitário de Gilead: “She [Offred] first has to reclaim herself, retrieve her voice; once she does so, she turns to reinscribe the voices of other women”. Desta forma, segundo

Kauffman (Kauffman, 1989, p.227 apud Hogsette, 1997, p. 264), ao contar sua história, Offred passa a ter o controle de sua própria narrativa e fazendo isso pode reclamar as narrativas de outras aias como ela ao se tornar a voz de tantas mulheres silenciadas de alguma forma pelo sistema. A narrativa de Offred é atravessada pelo seu papel como aia e, portanto, pela condição das mulheres em Gilead: os abusos e violências que narra, são abusos e violências que compartilha com outras aias, assim como o medo, a esperança de reencontrar sua família e voltar a sua vida de antes, sua alienação do próprio corpo. Dessa forma, Offred não fala só por si mesma, ao invés disso representa toda uma casta, a casta mais oprimida de Gilead, tornando-se nas palavras de Hogsette (1997, p.265) “a heroic savior”.

Este ato de resistência, de romper o silêncio, é marcado pela recuperação do passado. São as memórias do passado que ajudam Offred a preservar uma noção de identidade, visto que desde a instauração do regime a personagem deixou de ser um indivíduo com vontade ou opinião própria e passou a ser um instrumento do Estado tendo que conceder seu útero para fins reprodutivos. Segundo Hogsette (1997, p.264), ao registrar sua história, Offred teria encontrado uma maneira de reconstruir sua subjetividade e articular sua própria percepção alternativa da realidade. Hogsette afirma que “Offred first creates an option - her subjective vision of reality - and then chooses to share that alternative vision with others, thus becoming a discursively social agent” (1997, p.264).

Subjetividade é incompatível com a divisão social em Gilead. Com castas bem delimitadas e nenhuma expectativa de ascensão social, mulheres são organizadas na hierarquia deste sistema segundo sua fertilidade, ficando cada casta responsável por prestar algum tipo de serviço. Independentemente da natureza deste serviço, todos parecem ser definidos de acordo com papéis sociais tradicionalmente associados às mulheres: o papel de mãe, atribuído às aias, dona do lar e esposa, atribuído às esposas dos comandantes, empregada doméstica, papel desempenhado pelas Marthas e tias, responsáveis pela doutrinação das aias nos Centros Vermelhos, função semelhante à desempenhada por professoras. Aias não têm voz nesta sociedade e são instruídas a serem invisíveis: “Modesty is invisibility, said Aunt Lydia. Never forget it. To be seen-to be seen-is to be - her voice trembled - penetrated. What you must be, girls, is impenetrable” (Atwood, 1985, p. 42). A orientação de tia Lydia sobre a modéstia das aias reforça a posição de submissão que elas devem assumir nessa organização social, uma vez que mulheres invisíveis não podem reivindicar seus direitos. Alcoff (Alcoff, 1989, p.318-326 apud Hogsette, 1988, p. 263) sugere que mulheres podem desafiar opressões sociais e políticas através da linguagem: “Women can use language to create their own subjective meaning and thus challenge certain socially and politically oppressive institutional

meanings” (Alcoff, 1989, p.318-326 apud Hogsette, 1988, p. 263). Através da linguagem, mulheres, podem se tornar agentes sociais conscientes dos discursos políticos e sociais referentes ao papel e lugar da mulher na sociedade, tendo a possibilidade de escolher se reverberam discursos já existentes ou se apresentam oposição a certos discursos construindo uma realidade alternativa àquela vigente. Ao participar, como um agente social ativo, de diferentes discursos, mulheres podem se inserir no processo de construção/ reconstrução desses discursos à medida que constroem sua própria identidade através do questionamento dos discursos dos quais participam ativamente que determinam papéis específicos para homens e mulheres.

Ao final da narrativa de Offred, o leitor é abruptamente introduzido a um epílogo intitulado *Historical Notes* no qual é apresentada uma leitura do conto que se opõe ao papel da linguagem como forma de um indivíduo se (re)inscrever na sociedade como agente social ativo. Através do historiador Pieixoto, há o questionamento sobre a autenticidade do relato da aia e a sugestão de uma leitura do conto que desconsidera o ato de narrar como uma forma de empoderamento de uma mulher silenciada pelo regime teocrático de Gilead. Focado apenas na historicidade do relato de Offred, Pieixoto não considera a narrativa da aia uma forma de resistência. No epílogo é revelado que a história que lemos não é um registro direto feito por Offred de suas experiências ao invés disso trata-se de uma reconstituição de suas experiências pelo olhar machista e atitude complacente dos professores James Darcy Pieixoto e Knotly Wade responsáveis por transcrever e organizar o relato que Offred grava em algumas fitas quase dois séculos depois do fim de Gilead. Teria Offred realmente conseguido recuperar sua voz e senso de subjetividade ao contar sua história quando, no futuro, sua voz como narradora está condicionada à autoridade editorial de dois homens? Como a autoridade de Pieixoto como editor da narrativa e seu ponto de vista focado exclusivamente na sua historicidade podem influenciar a leitura do relato de Offred e a forma como o leitor se relaciona com sua história?

2.2. *Historical notes*: artefato vs experiência

O relato de Offred é encerrado no capítulo quarenta e seis do livro e é seguido por um epílogo intitulado *Historical Notes*. O epílogo é uma transcrição parcial das atas do décimo

segundo simpósio sobre estudos de Gilead que ocorre no ano de 2195. Neste simpósio, professor James Darcy Pieixoto, um renomado historiador, discute em sua palestra os problemas de autenticação na narrativa transcrita por ele e professor Knotly Wade a partir de fitas encontradas em um sítio arqueológico que havia sido uma estação intermediária para quem tentava fugir de Gilead. As fitas, cerca de trinta, de autoria desconhecida, não estavam numeradas, nem dispostas em nenhuma ordem particular. A mesma voz feminina pode ser ouvida em todas as fitas, mas sem nenhuma indicação sobre a ordem que deveriam ser ouvidas, coube, ironicamente, a dois homens transcrever e organizar a narrativa de uma mulher, uma aia, oprimida por uma ditadura teocrática anos após o fim do regime.

Pieixoto admite que a organização das fitas foi baseada em um pouco de adivinhação: “all such arrangements are based on some guesswork and are to be regarded as approximate, pending for further research” (Atwood, 1986, p.355). O professor reconhece suas limitações, como historiador, em reconstituir a narrativa de Offred exatamente na ordem como foi originalmente gravada. Há, dessa forma, uma relativização da credibilidade de Pieixoto e Wade no exercício da função de editores da autobiografia que lemos ao longo dos quarenta e seis capítulos que constituem o conto. Como consequência disso, os leitores poderiam questionar a credibilidade dos professores como editores de um relato tão importante. Pieixoto, por sua vez, em sua palestra faz o mesmo questionamento quando discute a credibilidade de Offred como narradora, valendo-se das inconsistências em sua narrativa para justificar sua desconfiança em relação à autenticidade do relato. O principal problema de autenticidade exposto por Pieixoto diz respeito à omissão por parte da narradora sobre sua perspectiva em retrospectiva ao narrar sua história.

Em vários trechos de seu relato, Offred narra os eventos como se os tivesse vivendo no período em que faz as gravações e não em um momento posterior aos acontecimentos como é categoricamente afirmado pelo professor Pieixoto:

Supposing, then, the tapes to be genuine, what of the nature of the account itself? Obviously, it could not have been recorded during the period of time it recounts, since, if the author is telling the truth, no machine or tapes would have been available to her, nor would she have had a place of concealment for them. Also, there is a certain reflective quality about the narrative that would to my mind rule out synchronicity. It has a whiff of emotion recollected, if not in tranquility, at least post facto (Atwood, 1986, p.356).

A afirmação do acadêmico é coerente com a proibição aos cidadãos de Gilead de ler e escrever. No capítulo cinco, quando Offred narra a primeira de muitas idas ao mercado com a aia Ofglen, a narradora ao passar por uma loja de roupas para aias, outrora uma sala de

cinema, nota a ausência do nome da loja na fachada. A loja é identificada por uma enorme insígnia com o formato de um lírio dourado ao invés de ser identificada pelo nome, Lírios do Campo. O mesmo acontece na fachada das lojas onde Offred e Ofglen compram ovos, leite e mel: todas são identificadas por imagens desenhadas na madeira, três ovos, uma abelha e uma vaca. Pieixoto também afirma que nenhum gravador ou fitas teriam estado disponíveis para ela e mesmo se pudesse ter acesso a esse tipo de recurso, ela não teria um lugar onde escondê-los. Offred não tem permissão de transitar livremente pela casa do comandante tampouco pelas ruas da vizinhança. Seu quarto, o único ambiente onde poderia ter mais privacidade, tem uma porta que não se fecha direito, logo, não pode ser trancada. Não há lugar em seu quarto onde poderia esconder uma máquina como essa e mesmo se houvesse as Marthas, empregadas da casa, e Serena Joy, esposa do comandante, tem livre acesso ao seu quarto. Além disso, apesar de conseguir acesso a coisas proibidas como revistas e vinho através do comandante, Offred dificilmente teria acesso a um gravador. Considerando todas essas restrições mencionadas anteriormente, seria, de fato, praticamente impossível que Offred tivesse gravado as fitas à medida que os eventos aconteciam.

Mesmo com evidências como essas, em muitos trechos do conto, Offred sugere o oposto do que afirma Pieixoto em sua análise da narrativa. No capítulo 7, por exemplo, Offred diz o seguinte sobre sua narrativa: “It isn’t a story I’m telling. It’s also a story I’m telling, in my head, as I go along”. O conteúdo das fitas não é uma história no sentido de uma ficção inventada, baseada apenas em imaginação, trata-se da vida em que uma mulher é forçada a viver em uma teocracia extremamente misógina. O relato de Offred apresenta características de uma história ficcionalizada através da qual ela pode criar diferentes versões sobre os acontecimentos, seu primeiro encontro com Nick, motorista do comandante, por exemplo, mas, ao mesmo tempo é uma reconstrução de sua experiência vivendo como uma aia em Gilead. De acordo com Grace, (1998, p.162) “her life is not a story, but a genuine sequence of experience but it is also a story, a sequence of experiences given meaning and context by her process of self-composition, and the truth resides more in the story Offred constructs (or reconstructs) than it does in the facts”.

Há ainda outros indícios na narrativa de Offred que poderiam levar o leitor a discordar da afirmação de Pieixoto. O uso do tempo verbal presente na descrição de cenários, pessoas e, principalmente de suas emoções e pensamentos atribuiria um caráter de imediatismo àquilo que é contado pela aia. As mudanças que Offred observa no jardim da esposa de seu comandante, como forma de marcar o tempo de sua narrativa através da mudança das estações, exemplificam tal caráter de imediatismo (Kong, 2020, p. 56-57): o início da

primavera“...a willow, weeping catkins...the daffodils are now fading and the tulips are opening their cups, spilling out colour...” (Atwood, 1986, p.17); ou a chegada do verão: “The good weather holds. It’s almost like June, when we would get out our sundresses and our sandals and go for an ice cream cone” (Atwood, 1986, p. 39). O uso de formas verbais como “holds”, “are opening” e do advérbio “now” sugerem que essas mudanças são parte do presente da narradora-personagem. Além disso, poderia Offred lembrar, com exatidão, quais flores do jardim de Serena estariam nascendo ou murchando se não as tivesse observando durante a gravação das fitas? Algumas exceções ao uso do tempo presente acontecem durante seus flashbacks que compreendem momentos anteriores ao regime, incluindo momentos da infância, adolescência e vida adulta até ser capturada pelos Anjos, polícia de Gilead. Em sua narrativa Offred usa palavras como “once”, “formerly”, “remember”, além de construções no past simple e past perfect tais como “was”, “had been”, “would have been” dentre outros que sugeriram a rememoração de um passado diferente do seu presente como aia (Kong, 2020, p.57).

Mesmo com várias sugestões indicando que o conto faz uma narrativa sobre o presente enquanto transcorre, como se fosse um diário, Offred, paradoxalmente, também informa ao leitor que o relato que ele lê é, na verdade, uma narrativa em retrospectiva:

I’m sorry there is so much pain in this story. I’m sorry it’s in fragments, like a body caught in crossfire or pulled apart by force. But there is nothing I can do to change it. I’ve tried to put some of the good things in as well. Flowers, for instance, because where would we be without them? Nevertheless, it hurts me to tell it over, over again. Once was enough: wasn’t once enough for me at the time? (Atwood, 1986, p. 279)

Ao admitir já ter contado sua história anteriormente, algumas vezes, Offred informa ao leitor que sua narrativa não é sobre seu presente, mas sobre o seu passado, diferentemente do que havia sugerido em outro momento de seu relato: “It’s also a story I’m telling, in my head, as I go along” (Atwood, 1986, p. 49). Ao admitir ter contado sua história “over and over again”, Offred contradiz suas próprias sugestões sobre seu relato ser uma história contada à medida que os eventos acontecem, como o uso do tempo verbal presente para se referir a sua vida em Gilead e o tempo verbal no passado usado durante os flashbacks de sua vida anterior ao regime.

Offred assume as contradições e inconsistências de sua narrativa em retrospectiva como parte constitutiva do seu relato: “This is a reconstruction. All of it is a reconstruction. It’s a reconstruction now, in my head, as I lie flat on my single bed rehearsing what I should or

shouldn't have said, what I should or shouldn't have done, how I should have played it. If I ever get out of here” (Atwood, 1986, p.164). A repetição da palavra “reconstruction” três vezes, em sequência, sugere ênfase sobre a real natureza constitutiva da narrativa de Offred que seria, de acordo com Grace, “a reflection of her own thoughts and perspectives, rather than an objective and historical report” (Grace, 1998, p.160). A palavra “rehearsing” reforça a afirmativa inicial sobre o relato se tratar de uma narrativa baseada em uma reconstituição do passado. A narração depois de os fatos já terem acontecido, permite a Offred que ensaie múltiplas formas de contar os eventos de sua história diferentes de como realmente aconteceram. No capítulo quarenta, por exemplo, Offred fala sobre seu primeiro encontro ilícito com o Nick, o motorista do comandante. Ela apresenta três descrições diferentes de como o encontro aconteceu, admitindo que houve algumas adaptações sobre isso em sua narrativa. Offred diz “I made the scene up” (Atwood, 1986, p.273) e “it didn't happen that way” (Atwood, 1986, p.275).

As inconsistências no relato de Offred a tornam uma narradora não inteiramente confiável para o leitor. De acordo com Sternberg e Yacobi (2015, p.419) “readers change their minds about a mediator's reliability on receiving, at some juncture, new information that presses for a retrospective review and reformation of the happening or the discourse about it or both”. A mudança na cronologia da história contada por Offred tem um impacto na credibilidade atribuída à narradora-personagem, podendo levar os leitores a descredibilizar sua narrativa. Para Menegotto e Indrusiak (2021, p.590), no entanto, a contradição revelada por Pieixoto não leva os leitores a se voltar contra Offred:

Offred's unreliability, however, does not lead the reader to turn against her. On the contrary, we suggest that when we, as readers, finally perceive her efforts to engage her listener through the use of narrative suspense, it should further our empathy towards the Handmaid, and this is substantiated by the way Atwood organizes the narrative and by the juxtaposition of Offred's storytelling and Professor Pieixoto's discourse in the twenty-second century.

As informações contidas no epílogo, de fato, não alteram a empatia que os leitores desenvolvem por Offred. Isso pode ser explicado por dois fatores: a natureza do relato em si mesmo, uma mulher oprimida que perde seu direito ao próprio corpo, bem como o tom confessional adotado pela narradora-personagem que compartilha seus pensamentos e o desejo de reencontrar sua filha e marido. Um outro fator se relaciona com a ordem em que o *Historical Notes* aparece no conto em relação a autobiografia de Offred. Sternberg apresenta o impacto do que chama de “primacy effect” de maneira tão poderosa ao ponto de o leitor

manter suas percepções iniciais sobre uma história mesmo quando percebe em uma nova leitura em retrospectiva alguma inconsistência na narrativa: “even if the reader retrospectively realizes that he has been tricked, it is usually too late for him to get out of the psychological trap” (Sternberg, 1978, p. 97 apud Menegotto e Indrusiak, 2021, p. 590). Diante disso, não seria fácil para o leitor deixar de lado o apego e empatia que desenvolve por Offred quando lê os comentários de Pieixoto minimizando o sofrimento da aia no epílogo.

Em sua função como editor, Pieixoto também pode ter sua credibilidade questionada ao afirmar que a transcrição que faz das fitas, juntamente com Wade, é resultado de alguma adivinhação, “guesswork”. Segundo Grace (1998,p.162), há um paralelo entre Pieixoto reconhecer as limitações de sua edição de reconstituir a narrativa exatamente como foi gravada e o fato de Offred admitir que sua narrativa é uma reconstrução de um período anterior. Grace (1998, p.162) também chama atenção para como um reconhecimento como esse representa duas maneiras distintas de se relacionar com a narrativa em *O Conto da Aia*:

But whereas for Offred the possibilities opened up by reconstructions and the alternate possibilities they provide play a key role in the narrative, for Pieixoto such contingency is a blemish to be removed, he hopes, when further research provides the univocal, final, true account.

O fato de a narrativa de Offred constituir-se através de reconstruções de memórias do passado pode representar para a narradora-personagem uma forma de empoderamento de sua própria história. Offred encontra no ato de narrar a possibilidade de construir sentido sobre si mesma e sobre todos os abusos que sofreu como aia. Sua rememoração do passado, portanto, é parte fundamental de seu processo de (re)construção de identidade como observa Howells (Howells, 2006, p.150): “To not remember is to lose contact with the past and then to lose a vital sense of her identity as an independent woman”. Para Pieixoto, por outro lado, as lacunas na narrativa de Offred que ele e Wade não puderam complementar através de investigação histórica consistem em uma falha que deve ser corrigida em futuras pesquisas. Pieixoto, como um historiador de prestígio na comunidade acadêmica, estabelece como foco de sua análise somente a historicidade do relato que organiza e transcreve sem considerar a importância da narrativa de Offred do ponto de vista da experiência de alguém que, de fato, viveu o regime. Sua recusa em se referir ao relato como documento ilustra muito bem a posição que assume em relação à história de Offred. O professor atribui à narrativa um status de mero manuscrito em decorrência de sua falta de precisão histórica. A ausência de dados e informações mais concretas e precisas na narrativa são profundamente lamentados por Pieixoto:

Some of them [the many gaps in the narrative] could have been filled by our anonymous author, had she had a different turn of mind. She could have told us much about the workings of the Gileadean empire, had she had the instincts of a reporter or a spy. What would we not give, now, for even twenty pages or so of printout from Waterford's private computer! However, we must be grateful for any crumbs the Goddess of History has designed to vouchsafe us (Atwood, 1986, p.365).

Entre uma narrativa construída de maneira a possibilitar o leitor viver a angústia de ser uma aia e impressões de documentos oficiais do governo que poderiam esclarecer dúvidas sobre o funcionamento do regime, Pieixoto escolhe priorizar as impressões, pois para Pieixoto em nome de uma verdade objetiva, pois para o professor história é um artefato enquanto, para Offred, história é uma experiência (Grace, 1998, p.164). Sobre a postura de Pieixoto diante da narrativa de Offred, Hogsette sugere o seguinte: “he is blinded by his intellectualizing and fails to comprehend Offred's isolation, her subjugation, and the heroic significance of the risk she took in attempting to record her thoughts and feelings” (Hogsette, 1997, p. 272).

As impressões de documentos do computador de Waterford, provável nome do comandante de Offred, podem, sem dúvida, fornecer dados úteis, mas quanta compreensão sobre a opressão sofrida pelas mulheres em Gilead um comandante pode realmente oferecer a uma sociedade do futuro? Waterford é um homem do alto escalão da República de Gilead. Apontado como o responsável pelo design das vestimentas femininas usadas pelas mulheres durante o regime bem como a sugestão de que as aias fossem identificadas pela cor vermelha, inspirado nos uniformes de prisioneiros de guerra canadenses durante a Segunda Guerra Mundial. Este mesmo homem foi responsável por padronizar a identidade visual de todas as castas de mulheres e por sugerir que aias usassem toucas que limitavam seu campo de visão. Como um homem que age como um agente de opressão poderia fornecer qualquer dado relevante sobre a experiência de pertencer à casta mais oprimida de Gilead? Além disso, o comandante demonstra uma postura complacente em relação aos males que o regime causa em alguns cidadãos. Em uma de suas interações ilegais com Offred, só seria permitida interação entre eles durante o ato sexual sob a supervisão da esposa do comandante, Waterford diz à aia: “You can't make an omelette without breaking eggs. We thought we could do better. Better? I say, in a small voice. How can he think this is better? Better never means better for everyone, he says. It always means worse, for some” (Atwood, 1986, p.250). Neste trecho, o comandante não só reconhece as profundas desigualdades daquela sociedade como acredita na necessidade da manutenção delas para que um grupo de poucos privilegiados possam ser beneficiados. Mesmo tendo essas informações sobre o comandante

Waterford, professor Pieixoto ainda preferiria ter acesso a impressões de documentos do computador do comandante e, através delas, coletar dados sobre o funcionamento sobre o império de Gilead em detrimento de um relato de experiência intimista e rico em sobre o que significava para uma mulher ser uma aia em Gilead.

Assim como Waterford, professor Pieixoto também assume uma postura complacente relativizando os horrores que aconteceram durante o regime. O historiador recomenda que os ouvintes na plateia não façam juízo de valor das medidas tomadas pelos Filhos de Jacó, grupo religioso extremista do qual Waterford fazia parte que tomou o poder através de um golpe.

If I may be permitted an editorial aside, allow me to say that in my opinion we must be cautious about passing moral judgment upon the Gileadeans. Surely we have learned by now that such judgements are of necessity culture-specific. Also, Gileadean society was under a good deal of pressure, demographic and otherwise, and was subject to factors from which we ourselves are happily more free. Our job is not to censure but to understand (Atwood, 1986, p. 355).

Neste trecho, Pieixoto se vale de sua autoridade como historiador organizador e editor da narrativa de Offred para tentar influenciar a perspectiva dos ouvintes em relação aos horrores do regime. Pieixoto relativiza o sofrimento de Offred ao minimizar os abusos e violências institucionalizadas pelo Estado como meras medidas adotadas em um contexto de crise política, demográfica e social que os Estados Unidos viviam antes de Gilead. O professor encoraja a suspensão de possíveis julgamentos como uma forma de acessar o texto como um registro histórico para que assim possa reconstruir os fatos na íntegra como, de fato, aconteceram, sem que uma relação mais afetiva com o conteúdo narrado atrapalhe. Em sua busca pela verdadeira reconstituição dos fatos narrados, o professor parece não levar em consideração o fato de que nenhuma narrativa pode realmente reconstituir um fato na íntegra, todas as tentativas são reconstruções que passam pelas percepções subjetivas de quem narra. A própria Offred reconhece suas limitações como narradora nesse sentido: “It’s impossible to say a thing exactly the way it was, because what you say can never be exact, you always have to leave something out, there are too many parts, sides, crosscurrents, nuances” (Atwood, 1986, p. 144). A própria natureza traumática da história contada por Offred constitui um obstáculo para um relato historicamente preciso. Dessa forma, para a narradora é impossível separar sua subjetividade da maneira como percebe e entende os abusos que sofre. É através da organização de suas memórias em uma narrativa que Offred pode construir sentido sobre elas ao invés de apenas transcrevê-la em uma narrativa, assim como afirma Engel (1999, p.12), “the past is created through narrative rather than being translated into narrative”. Além

disso, Pieixoto se abstendo de julgamentos sobre assassinatos, torturas e estupro de mulheres por parte do Estado de Gilead em nome de um olhar imparcial sobre a narrativa da Offred, não o torna mais apto a analisar sua narrativa como historiador, o efeito é justamente o contrário; ele acaba tomando um lado como Malak pontua: “Atwood soberly demonstrates that when a critic or scholar (and by extension a reader) avoids, under the guise of scholarly objectivity, taking a moral or political stand about an issue of crucial magnitude such as totalitarianism, he or she will necessarily become an apologist for evil (...)” (Malak, 1998, p.10).

A controversa postura de Pieixoto em relação a narrativa de Offred aponta ainda para uma forte contradição no pedido do historiador para que os ouvintes evitem julgamentos morais uma vez que o próprio palestrante faz juízo de valor sobre a narrativa da aia Offred como explica Grace (1998, p.165):

The process of editorial reconstruction he claims will lead ultimately to a reclamation of the truth is nothing if not a process of judgment, but here he denies the necessity of judgment. Judgment and understanding cannot, of course, be separated. Tellingly, though, Pieixoto couples his apparent abdication of judgment with an excuse for the Gileadeans' behavior, an excuse completely unnecessary if all we are concerned with is the facts, and not judgment. One cannot excuse Gilead without at least implicitly judging it. Pieixoto is not a reliable voice.

Dessa forma, Pieixoto ignora o fato de que o próprio processo de transcrição e edição das fitas deixadas por Offred torna impossível encontrar uma verdade absoluta. Pieixoto nega que sua reconstrução seja interpolada pelo seu julgamento, sua visão subjetiva sobre o relato de Offred. Segundo Dvorak (1998, p.142), Atwood usa esta personagem como forma de nos lembrar que, como a ficção, a história também é um discurso: “Handmaid questions how literary texts and life writing are read and interpreted, and simultaneously highlights the fact that history too is an invention, a collage, a subjectively pieced together text. Podendo um discurso ser construído e representado de diferentes maneiras sob diferentes pontos de vista, vale questionar como a perspectiva de Pieixoto poderia condicionar a leitura do relato de Offred”.

Em sua leitura complacente do conto, Pieixoto tenta justificar as violências cometidas pelo regime como medidas implementadas em um contexto de grave crise demográfica. Ao fazer isso, o historiador, apresentado como uma autoridade acadêmica, pode influenciar a forma como o leitor percebe a opressão vivida por Offred. Sob o ponto de vista do professor, não deveria ser atribuído juízo de valor às violências narradas pela aia, pois a imparcialidade

do leitor seria necessária para uma análise historicamente precisa do relato. Esta leitura, além de dar muita ênfase nas inconsistências da narrativa, minimiza o poder da narrativa como forma de resistência a um sistema opressor. Ao adotar o ponto de vista do Pieixoto, o leitor pode acabar minimizando o ato de resistência de Offred bem como as violências das quais é vítima, pois uma perspectiva focada na historicidade dos fatos narrados poderia dificultar de uma relação de empatia entre leitor e narradora essencial à leitura de *O Conto da Aia*.

3. MAY THE LORD OPEN: MATERNIDADE E RELIGIÃO EM GILEAD

Em Gilead, a opressão sistemática contra mulheres é instaurada como política de Estado por um grupo religioso extremista, Filhos de Jacó, através da articulação de um discurso religioso fundamentalista e da institucionalização de mecanismos que permitem o controle do Estado sobre a vida das mulheres. Divididas em castas em função de sua fertilidade, as mulheres são limitadas pelos papéis sociais tradicionalmente associados às mulheres: mãe, esposa, dona do lar, por exemplo. Sobre a organização social de Gilead, Bouson afirma que o regime: “effectively robs women of their individual identities through this imposition of a strict system of hierarchical classification and transforms them into replaceable objects in the phallogocentric economy” (2001, p.43). Dentre os vários mecanismos usados pelo regime para cercear as individualidades das mulheres, destaca-se a perda do nome próprio das aias que passam a ser identificadas por um patronímico. As aias recebem um patronímico que as identificam como propriedade do comandante ao qual servem. Dessa forma, Offred significa pertencente a Fred, em inglês *of Fred*. De acordo com Júnior e Hogemann, pelo nome se identifica e se diferencia uma pessoa da outra. Confere-se identidade e personalidade no sentido individual. Diferencia-se. A perda desse marcador sanciona simbologia de poder e dominação, um sinal de assenhoreamento sobre o próprio corpo que, de imediato, se despersonaliza para tornar-se objeto (2019, p.77). A perda de direitos, portanto, refletiria em uma gradual mudança de status moral (Júnior e Hogemann, 2019, p.77). As mulheres férteis perdem seu status moral de pessoa ao passo que são reduzidas à fertilidade de seus úteros. Às aias é delegada a função de genitoras dos filhos dos Comandantes dos Fiéis, homens do alto escalão de Gilead e suas esposas. Caso não consigam engravidar, estas mulheres são descartadas, reforçando seu status de objetos substituíveis. O destino de uma aia incapaz de engravidar é as Colônias, campos de trabalho forçado onde o

contato com lixo tóxico reduz drasticamente a expectativa de vida de quem é enviado para lá. Dessa forma, percebe-se que a sobrevivência das aias nessa sociedade está condicionada ao exercício compulsório da maternidade.

Offred descreve em seu relato uma sociedade em que a biologia das mulheres e sua função de procriar é transformada na principal causa de sua opressão. Na República de Gilead, o estupro de mulheres férteis, aias, é institucionalizado com o objetivo de aumentar os baixos índices de natalidade entre a população caucasiana. Professor Pieixoto, historiador responsável por transcrever o relato de Offred, aponta em sua palestra alguns motivos para o declínio das taxas de natalidade: disponibilidade ampla de meios de controle de natalidade, como o aborto, epidemia de doenças sexualmente transmissíveis, contaminação por material tóxico relacionado a vários acidentes em usinas nucleares, vazamentos de estoques de armas químicas e biológicas e de locais de depósito de lixo tóxico, além do uso descontrolado de substâncias líquidas pulverizadas (Atwood, 1986, p.358). Diante desta crise demográfica, mulheres férteis consideradas pecadoras segundo os preceitos religiosos do regime, mulheres homossexuais ou em uma relação heterossexual não formalizada como casamento, como o caso de Offred e Luke, por exemplo, perdem o direito ao próprio corpo e são transformadas em aias a fim de gerar filhos somente para os comandantes sendo proibidas de terem relações sexuais com quaisquer outros homens ou relação com o comandante fora da noite da cerimônia e sem a supervisão da esposa.

Em um contexto de crise demográfica como o que é narrado por Offred (Atwood, 1986, p.139), as aias deveriam ocupar posição privilegiada na hierarquia social em decorrência de sua capacidade de engravidar. Ao invés disso, as aias constituem uma das classes sociais mais oprimidas de Gilead; tornam-se escravas sexuais dos comandantes. Estas mulheres são privadas de seus direitos básicos, inclusive o direito ao próprio corpo, têm suas identidades apagadas pelo regime, têm seus filhos tirados delas e entregues para as famílias do alto escalão para que sejam educadas de acordo com os preceitos do regime. Offred é considerada uma mulher indigna, por isso perde a guarda de sua filha: “She's in good hands, they said. With people who are fit. You are unfit, but you want the best for her. Don't you?” (Atwood, 1986, p.49). Além disso, as aias são vítimas de violência sexual: elas são estupradas mensalmente pelos comandantes sob o pretexto de aumentar os baixos índices de natalidade entre a população caucasiana. A gravidez da aia, segundo as leis do regime, deve acontecer por vias “naturais”, ou seja, através do ato sexual, sendo proibida a inseminação artificial, considerada uma prática irreligiosa. Mesmo sendo vítimas de diferentes tipos de violência, as aias devem cumprir suas obrigações de forma submissa e obediente, podendo sofrer castigos

físicos, ou mesmo, ser enviadas para as Colônias como punição por mau comportamento. Offred afirma que as esposas dos comandantes podem agredir as aias fisicamente, desde que não comprometam seus corpos ao ponto de torná-las inférteis. Em seu primeiro encontro com Serena Joy, esposa do comandante para o qual Offred foi designada, a aia percebe a animosidade da esposa e comenta: “She probably longed to slap my face. They can hit us, there's Scriptural precedent. But not with any implement. Only with their hands” (Atwood, 1986, p.26). Percebe-se, através destes exemplos de violências cometidas contra as aias, que esta casta de mulheres é extremamente oprimida, apesar de serem as responsáveis pela continuidade do grupo social ao qual pertencem. Esta contradição na organização social de Gilead pode suscitar alguns questionamentos, dentre eles: Por que as aias constituem uma classe tão oprimida socialmente mesmo sendo férteis em uma sociedade infértil? Quais mecanismos são usados para mantê-las em submissão? Para que essas questões sejam discutidas, é necessário identificar como o processo de “ser mulher” é construído em uma sociedade patriarcal. Sendo Gilead um sistema teocrático, cabe analisar como a religião é usada pela classe dominante, comandantes, de modo a legitimar a opressão das mulheres, principalmente das aias.

Em Gilead, as mulheres têm sua identidade de gênero determinada por sua fertilidade, pois a maternidade seria considerada seu “destino biológico” (Atwood, 1986, p.263). Segundo Simone Beauvoir, a definição da mulher em uma sociedade patriarcal se baseia em sua biologia: “Woman? Very simple, say the fanciers of simple formulas: she is a womb. An ovary; she is female. This word is sufficient to define her [...]. The term female is derogatory not because it emphasized woman 's animality, but because it imprisons her in her sex” (1956, p.33). A fim de gerarem filhos para os comandantes, mulheres férteis, como Offred, são destituídas de sua humanidade e tornam-se propriedade dos comandantes. Reduzidas à sua capacidade de reprodução, as aias são definidas nessa sociedade como um “útero de duas pernas”, “um receptáculo sagrado”, um “cálice ambulante” (Atwood, 1986, p.167). É possível relacionar a objetificação das aias com a imposição de uma soberania masculina proposta por Simone Beauvoir. De acordo com a escritora, “(...) men force her to assume herself as Other: an attempt is made to freeze her as an object and doom her to immanence, since her transcendence will be forever transcended by another essential and sovereign consciousness” (Beauvoir, 1956, p.37). No regime descrito por Offred, os comandantes se utilizam de características biológicas para assegurar sua dominação sobre as mulheres e justificar sua suposta supremacia. No capítulo trinta e quatro do conto, o comandante Fred, a quem Offred

serve como escrava sexual, justifica o controle masculino sobre as aias como uma forma de proteção. Consideradas “riquezas nacionais” (Atwood, 1986, p.82), em razão de seu valor reprodutivo, as aias deveriam ser resguardadas para que pudessem exercer sua função reprodutiva, diferentemente do que acontecia no passado:

This way they all get a man, nobody's left out. And then if they did marry, they could be left with a kid, two kids, the husband might just get fed up and take off, disappear, they'd have to go on welfare. Or else he'd stay around and beat them up. Or if they had a job, the children in daycare or left with some brutal ignorant woman, and they'd have to pay for that themselves, out of their wretched little paychecks. Money was the only measure of worth, for everyone, they got no respect as mothers. No wonder they were giving up on the whole business. This way they're protected, they can fulfill their biological destinies in peace. With full support and encouragement (Atwood, 1986, p.263).

O comandante descreve um passado de desamparo à maternidade. Mulheres sem apoio de seus parceiros, descritos como ausentes ou abusivos, não poderiam se dedicar às suas funções como mãe, pois teriam que trabalhar para sustentar seus filhos. Ao dizer que estas mulheres só eram valorizadas pelo dinheiro, o comandante deixa implícita uma perspectiva de desvalorização do papel social de mãe, seu valor seria mensurado pelo dinheiro resultado de seu trabalho e não pela sua capacidade de gerar uma vida. Diferentemente do que acontecia no passado, a maternidade é muito valorizada em Gilead em decorrência da crise demográfica já mencionada. Em um contexto em que a probabilidade de uma mulher dar à luz a um bebê saudável seria uma em cada cinco (Atwood, 1986, p.139), é assegurada às mulheres férteis as condições materiais necessárias para que possam engravidar e, após a inseminação, tenham uma boa gestação. Vale ressaltar aqui a separação das funções de mãe, como mulher que cria e educa a criança, desempenhada pelas esposas, da função de genitora incumbida às aias. Algumas esposas são férteis, ou seja, não precisam dos serviços das aias, podem exercer os dois papéis.

A fertilidade de seu útero, permite que Offred desfrute de certos privilégios que só a vida na casa de um homem da elite pode oferecer: refeições de qualidade, os serviços das Marthas, empregadas domésticas que trabalham nas casas dos comandantes, e boas acomodações. Ter a sua disposição ovos para o café da manhã, por exemplo, evidencia o status do comandante ao qual foi designada. No capítulo dezenove, Offred demonstra sentir uma grande satisfação em observar os ovos servidos a ela no café da manhã:

“The shell of the egg is smooth but also grained; small pebbles of calcium are defined by the sunlight, like craters on the moon. It’s a barren landscape, yet perfect; it’s the sort of desert the saints went into, so their minds would not be distracted by profusion. . . . The egg is glowing now, as if it had an energy of its own” (Atwood, 1986, p. 136).

Na vida circunscrita que é forçada a viver, Offred encontra prazer em observar um ovo. A atitude resignada demonstrada pela personagem pode ser associada ao treinamento dado às aias no Centro Raquel e Lia, também conhecido como Centro Vermelho, espaço de doutrinação das mulheres férteis em aias. Offred é ensinada, em sua fase de treinamento, a prezar pelos valores espirituais em detrimentos de coisas materiais: “You must cultivate poverty of spirit. Blessed are the meek. She [Aunt Lydia] didn't go on to say anything about inheriting the Earth” (Atwood, 1986, p.142). Tia Lydia, intencionalmente, omite o trecho de Mateus 5:5 que garante uma recompensa aos mansos, deixando subentendido que mulheres como a narradora-protagonista, não terão seus sacrifícios recompensados. Em uma outra lembrança de Offred, tia Lydia tenta encorajar aias sugerindo que seus esforços terão resultados para as próximas gerações de aias:

You are a transitional generation, said Aunt Lydia. It is the hardest for you. We know the sacrifices you are being expected to make. It is hard when men revile you. For the ones who come after you, it will be easier. They will accept their duties with willing hearts. She did not say: Because they will have no memories, of any other way. She said: Because they won't want things they can't have (Atwood, 1986, p. 145).

Como parte de uma geração transicional, Offred ainda tem muitas lembranças da sua vida de antes. Em seus flashbacks ela descreve uma sociedade muito diferente de Gilead na qual desfrutava de direitos que garantiam às mulheres liberdade e autonomia. No período pré-Gilead, as mulheres tinham seu direito ao próprio corpo assegurado, cabendo a elas decidir ter filhos ou não ter. A maternidade não era imposta a elas pelo Estado como acontece agora. Por isso, a assimilação dos ideais do regime é mais difícil para a geração de Offred, como afirma tia Lydia. Para as próximas gerações de aias será mais fácil, pois elas não terão outro referencial de organização social. Dessa forma, as aias dessa fase de transição estariam contribuindo, involuntariamente, para o processo de naturalização do papel de escrava sexual designado a elas e, conseqüentemente, as violências e abusos intrínsecos ao exercício de suas funções.

Mesmo reconhecendo os sacrifícios que são exigidos das aias, tia Lydia se refere ao trabalho das aias como sendo algo nobre: “It's a risk you're taking, said Aunt Lydia, but you are the shock troops, you will march out in advance, into dangerous territory. The greater the risk the greater the glory. She clasped her hands, radiant with our phony courage” (Atwood, 1986, p.139-140). Neste trecho, Lydia tenta encorajar as aias em treinamento ao compará-las a soldados na linha de frente que receberiam a glória pelo seu serviço de risco. Offred, por sua vez, discorda, em pensamento do que tia Lydia diz: “To go through all that and give birth to a shredder: it wasn't a fine thought” (Atwood, 1986, p.140). Para a aia não haveria glória em seu serviço quando o resultado dele, provavelmente, não seria o bebê saudável esperado pelo comandante. Sendo os ultrassons proibidos pelo regime, as aias têm que manter a gestação até o fim sem saber se o bebê terá alguma deformidade. Elas devem sofrer as dores do parto sem nenhum anestésico, pois acredita-se que seria melhor para o bebê. Além disso, o não uso de anestésicos seria baseado em uma interpretação literal da seguinte passagem bíblica: “Multiplicarei grandemente a tua dor e a tua conceição; com dor terás filhos” (Bíblia, Gn. 3:16). Considerando as dificuldades de uma gestação em um contexto como esse, os riscos aos quais tia Lydia se refere não parecem estar associados a nenhum tipo de glória.

Diante de condições de vida, nas palavras de Offred, reduzidas, a aia deve se sentir privilegiada e grata pelo pouco que tem: “Blessings that can be counted, on the fingers of one hand. But possibly this is how I am expected to react. If I have an egg, what more can I want?” (Atwood, 1986, p.137). Diferentemente das pregações de tia Lydia, a realidade vivida pelas aias está longe de ser um privilégio; é, na verdade, uma prisão. Aias perdem o direito básico de ir e vir, ficam confinadas, na maior parte do tempo, nas casas dos comandantes, saindo apenas para fazer compras no mercado e em raras ocasiões de nascimento ou algum outro tipo de cerimônia especial. Acompanhada de uma duplicata, outra aia designada como sua companheira de compras, Offred caminha pelas ruas da cidade como um rato em um labirinto: “Now and again we vary the route; there's nothing against it, as long as we stay within the barriers. A rat in a maze is free to go anywhere, as long as it stays inside the maze” (Atwood, 1986, p.200). Offred não pode sair dos limites da cidade e mesmo se tentasse seria facilmente identificada como fugitiva e capturada. Os uniformes de cor vermelha que as aias devem usar, explica Atwood, representam o sangue do parto (a principal obrigação destas mulheres), além de ser uma cor facilmente avistada em uma tentativa de fuga. Assim sendo, a falta de liberdade de ir e vir confirma o status das aias de mulheres escravizadas ao invés de lhes conferir um status de prestígio de quem vive uma vida de privilégios.

Apesar de ser considerada pelo Estado um “tesouro nacional” que deve ser protegido, Offred é vítima de violência sexual ao ser forçada a ter relações sexuais com o comandante. A violência sexual cometida contra as aias não é reconhecida como uma forma de estupro, mas sim como parte de um ritual religioso. Através de um discurso religioso construído a partir de uma interpretação fundamentalista de passagens bíblicas que validam a subordinação da mulher ao homem, o estupro e suas características são naturalizadas e incorporadas ao ritual “natural” que conduz à maternidade (Freire, 2020, p.797). Por conta disso, os comportamentos que sustentam tal processo também têm sua valoração negativa apagada – afinal, o discurso religioso, por mais violento que seja, ou por mais violências que justifique, é divino e irrefutável (Freire, 2020, p.797). Em uma sociedade teológica, como Gilead, o poder e influência do texto religioso ultrapassam os limites da fé quando este é creditado como um discurso científico absoluto, como um referencial teórico que justifica e protege as ações por ele inspiradas (Freire, 2020, p.798).

O estupro mensal de aias pelos Comandantes dos Fiéis, homens do alto escalão de Gilead, é institucionalizado como parte de um ritual religioso baseado no caso de infertilidade de Raquel, uma personagem bíblica do livro de Gênesis:

Vendo, pois, Raquel que não dava filhos a Jacó, teve Raquel inveja da sua irmã, e disse a Jacó: Dá-me filhos, ou senão eu morro. Então se acendeu a ira de Jacó contra Raquel e disse: Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto de teu ventre? E ela lhe disse: Eis aqui minha serva, Bilha. Entra nela para que tenha filhos sobre os meus joelhos, e eu, assim, receba filhos por ela (Bíblia, Gn 30:1-3).

Estes versículos são fundamentais para o processo de naturalização do estupro como forma de concepção no regime. O trecho “entra nela”, como aponta Freire (2020, p.794), reforça a falta de livre-arbítrio, a posição subalterna tanto da aia quanto de Bilha, além de estabelecer sua passividade no processo. O mesmo ocorre em “receba filhos por ela”: a serva e a aia são um meio, guardam o feto até o nascimento. Não possuem direito algum sobre o produto e seu valor é correspondente à sua capacidade de serem bem-sucedidas. Tanto para Offred quanto para Bilha, é imposta a servidão sexual a um homem, figura de poder dentro do ambiente familiar, como previsto na Bíblia: “As mulheres sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor, pois o marido é o chefe da mulher, como Cristo é o chefe da Igreja (...)” (Bíblia, Efésios 5.22-23). O poder que o homem teria sobre a mulher é comparado ao poder do próprio Jesus Cristo, filho de Deus. Para Bourdieu, o problema da desigualdade social entre homem e mulher está na construção social das relações de parentesco e de casamento, já que nelas “se determina às mulheres seu estatuto social de objetos de troca, definidos segundo

os interesses masculinos, e destinados assim a contribuir para a reprodução do capital simbólico dos homens” (Bourdieu, 1999, p. 56). Os papéis sociais associados ao homem e à mulher no casamento são, tradicionalmente, definidos a partir de uma dinâmica de dominador-dominante. Ao homem é atribuído papel de provedor e chefe da família, enquanto a mulher, relegada ao ambiente privado, deve ser responsável pelos cuidados com a casa, com o marido e a educação dos filhos. Esta configuração matrimonial baseada em valores patriarcais é aplicada com rigor em Gilead como política de Estado fundamentada no conceito de família presente na Bíblia Sagrada.

Segundo a Bíblia, o homem é criado à imagem de Deus enquanto a mulher, criada a partir da costela de Adão, vem ao mundo com uma extensão do homem, como alguém para suprir a necessidade de companhia do homem, veio dele, para ele. “Assim, a mulher veio cumprir seu papel de companheira, de alento para os dias do homem; já nasceu dependente dele, veio da sua costela não como sujeito individual que pudesse ter idéias próprias, decidir, ser autônoma, mas com a doçura e a candura de quem está pronta para servir ao seu senhor” (Crisp, 2002). Percebe-se, desta forma, que o mito judaico-cristão da criação da humanidade pode ser instrumentalizado pelo patriarcalismo. Segundo a narrativa bíblica da criação, o homem seria, em sua constituição, um ser superior à mulher, sendo definido como o essencial, a origem da humanidade enquanto a mulher é entendida como inferior necessitando das orientações e direcionamento do homem, uma vez que o homem é o senhor/ a cabeça da mulher (1 Coríntios 11:3).

A posição que a mulher ocupa na hierarquia que se estabelece reforça seu status de inferioridade em relação ao homem. Além disso, a associação de um elemento de fragilidade à mulher em posição a força associada ao homem fundamenta a relação de dominador-dominado que garante ao homem poder sobre a mulher. A ideia de fragilidade feminina também está presente na Bíblia. Em 1 Pedro 3:7 lemos: “Igualmente vós, maridos, vivei com elas com entendimento, dando honra à mulher, como vaso mais frágil, e como sendo elas herdeiras convosco da graça da vida, para que não sejam impedidas as vossas orações”. Nestes versículos, mais uma vez, a esposa é apresentada como estando, de alguma forma, dependente de seu marido. Aqui ela é caracterizada como um vaso frágil e como tal aspira cuidados. Ao mesmo tempo, o apóstolo sugere aos fiéis que dêem honra às suas mulheres ao compará-las com vasos frágeis sugerindo algum tipo de reciprocidade na dinâmica do casal que segundo fulana (Ribeiro, 2016) não seria possível no patriarcalismo: “a mulher [no patriarcado] aparece como negativo, de modo que, toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade”. A leitura da Bíblia feita pelos Filhos de Jacó, grupo que tomou

o poder nos EUA, por exemplo, é construída sob um viés extremamente opressor em relação às mulheres. Através de uma interpretação descontextualizada e dogmática de passagens específicas da Bíblia que promovem o patriarcalismo, muitas encontradas no Velho Testamento, o grupo religioso busca legitimar a opressão contra as mulheres, principalmente as mulheres férteis, aias.

Mesmo a Bíblia sendo um livro essencial à fundamentação ideológica do regime de Gilead, o livro sagrado é considerado um objeto incendiário, sendo permitida a leitura de suas páginas somente aos comandantes que impõe sua interpretação de trechos do texto religioso convenientes ao seu projeto político. A leitura da Bíblia faz parte da liturgia da noite da cerimônia de copulação. Nela os comandantes devem ler duas passagens do livro de Gênesis: Gênesis 30:1-3, texto bíblico que legitima o estupro das aias baseado na história de Raquel e Lea e Gênesis 1:28 no qual Deus ordena que Adão e Eva se multipliquem e encham a terra com seus filhos. Offred informa ao leitor que a Bíblia é mantida trancada na casa do comandante Fred da mesma maneira como as pessoas antigamente trancavam o chá, para que os criados não o roubassem (Atwood, 1986, p.109). A comparação feita por Offred indica que a Bíblia em Gilead é considerada um objeto valioso que deve ser guardado e protegido de pessoas de classe social menos privilegiada em decorrência de seu caráter incendiário. A valoração de algo enquanto incendiário indica o poder por trás de tal objeto e, frequentemente, refere-se àquilo capaz de ameaçar a estabilidade social (Freire, 2020, p.792). A leitura seria considerada como uma prática assustadoramente perigosa, chegando a ser comparável com a serpente do Jardim do Éden, visto que o livro pode incitar nas leitoras o pecado de morder a maçã do conhecimento. Conhecimento que deve ser restrito aos homens, o cabeça da família, e não a mulher, “vaso frágil”, que não teria o discernimento necessário para compreender as ordens de Deus. Essa restrição é consoante ao modelo patriarcal, no qual “uma identidade masculina baseada na maior capacidade intelectual dos machos” (Muraro, 1995, p. 66 apud Zukoski e Tardivo, 2018, p. 278).

A privação do acesso ao conhecimento pelas mulheres contribui para a manutenção do poder e controle do Estado sobre elas. Sendo mais fácil persuadi-las a se submeter às leis degradantes de Gilead quando é proibido a elas acesso ao texto que legitimaria e tornaria essas leis sagradas. Zukoski e Tardivo (2018, p. 274) observam que, ao usar frases como “Bendito é o fruto” e “Que possa o Senhor abrir”, como forma de se cumprimentar, as aias acabam por perpetuar o discurso religioso de que é a vontade de Deus que deve se sobrepor às delas próprias e que estão a todo instante “Sob o Olho Dele”, esse mesmo olho que é símbolo

do governo de Gilead, é o símbolo da percepção intelectual, da qual as mulheres estavam excluídas, pois “o conhecimento era uma tentação. O que vocês desconhecem não pode tentá-las, costumava dizer Tia Lydia” (Atwood, 1986, p. 233).

Se todos em Gilead pudessem ler, a Bíblia ou qualquer outro tipo de texto, o caráter hegemônico do discurso promovido pelo grupo extremista Filhos de Jacó poderia ser comprometido pelo conflito de vozes e interpretações do texto sagrado que poderiam questionar e problematizar os sentidos produzidos por aquele grupo social. Uma ditadura teocrática como a que Offred descreve, opera de modo a silenciar vozes divergentes à ideologia opressora de um grupo dominante que se apropria de um discurso religioso para legitimar a opressão. O elemento religioso, em um sistema político como este, é instrumentalizado de modo a atribuir a uma determinada ideologia política caráter de verdade irrefutável e absoluta, pois tem como inspiração para a articulação de tais ideais um livro considerado sagrado associado a um ser superior.

4. SEXUALIDADE E CONTROLE RELIGIOSO EM GILEAD

Em Gilead a atividade sexual dos membros do regime é regulamentada pelo Estado e permitida somente quando validada pela religião. Segundo os preceitos religiosos adotados pelos Filhos de Jacó, grupo fundamentalista que tomou o poder nos Estados Unidos, o sexo seria permitido e louvado somente para fins reprodutivos, sendo qualquer outra forma de atividade sexual reprimida. A relação sexual homoafetiva, por exemplo, é considerada traição de gênero e tem como punição a execução dos seus praticantes (Atwood, 1986, p. 53). As leis de Gilead, restringem o sexo às relações heteronormativas entre pessoas casadas, sendo proibido o sexo casual ou extraconjugal. Aos comandantes, no entanto, relações extraconjugais são permitidas em caso de infertilidade de suas esposas. Neste caso, o comandante pode solicitar os serviços de uma aia, mulher fértil que deve servir de barriga de aluguel para o casal. O sexo entre o comandante e aia assume uma qualidade de ritual sagrado legitimado por uma interpretação fundamentalista da história de Raquel e Bilha presente no livro de Gênesis (30:1-3). Baseada no relato de Offred sobre a noite da fecundação, ou noite da cerimônia como é chamado oficialmente, pretendo analisar como o sexo entre as servas e os homens da elite é ritualizado de modo a descaracterizar a violência sexual cometida contra essas mulheres. Cabe nesta análise considerar como os preceitos do regime podem influenciar a perspectiva das sobre a violência sexual que sofrem.

Segundo as leis de Gilead, a cerimônia de fecundação ocorre uma vez por mês com a presença obrigatória da esposa do comandante. Durante a cerimônia as esposas devem segurar os braços das aias, deitadas entre suas pernas, com a cabeça em seu abdômen, enquanto o comandante penetra a aia. Offred explica que a posição da esposa e aia durante o ato sexual com o comandante deveria significar a comunhão dessas duas mulheres em uma só carne, um mesmo ser (Atwood, 1986, p.116), fazendo alusão a comunhão entre marido e esposa orientada pela Bíblia (Marcos 10:6-9; Gênesis 2:21-24, dentre outros). O caráter sagrado da cerimônia é atribuído à narrativa bíblica sobre Raquel, Jacó e sua serva Bilha. Raquel, não podendo gerar filhos, pede que seu marido, Jacó, tenha relação sexual com Bilha para que assim Raquel receba filhos por ela. Offred comenta que Serena agarra suas mãos como se ela mesma estivesse sendo penetrada pelo comandante: “Serena Joy grips my hands as if it is she, not I, who's being fucked, as if she finds it either pleasurable or painful” (Atwood, 1986, p. 117). A atitude de Serena ao fim do ato, no entanto, sugere que a cerimônia não é nenhum um pouco prazerosa para ela: “There is loathing in her voice, as if the touch of my flesh sickens and contaminates her” (Atwood, 1986, p.119). Isto demonstra que Offred é tratada como alguém repulsivo por Serena. A aia parece perceber a cerimônia de fecundação como algo degradante não só para ela como também para a esposa do comandante quando questiona para si mesma para qual das duas essa situação seria pior: “Which of us is it worse for, her or me?” (Atwood, 1986, p.119).

Percebe-se pelo relato de Offred que mesmo em posição de privilégio, as esposas também são oprimidas pelas leis do regime. O domínio das esposas dentro do lar diz respeito somente às questões práticas da vida doméstica, como a supervisão do trabalho das Marthas, empregadas, os cuidados com o jardim e a jurisdição sobre transgressões cometidas pelas mulheres da casa (Atwood, 1986, p. 170). Foram as esposas, por exemplo, que proibiram o uso de hidratantes corporais pelas aias, levando-as fazer uso, às escondidas, de manteiga para hidratar a pele (Atwood, 1986, p.107). O poder das esposas, restrito ao ambiente doméstico, é exercido somente sobre as outras mulheres da casa, Marthas e aia. O poder dessas mulheres, no entanto, não é absoluto, pois elas devem ser submissas às vontades do comandante, chefe da casa. As esposas são obrigadas pelo Estado a dividirem suas casas e seus maridos com as aias. Consideradas mulheres fracassadas por não conseguirem engravidar (Atwood, 1986, p.61), as esposas, assim como todos que habitam a casa, são subjugadas como parte de sua propriedade: “Household: that is what we are. The Commander is the head of the household.

The house is what he holds. To have and to hold, till death do us part” (Atwood, 1986, p. 101).

Diferentemente das esposas, o poder dos comandantes se estende para o âmbito público, para além da jurisdição do ambiente doméstico. Os comandantes podem exercer cargos políticos e definir as leis da república. Estes homens foram os responsáveis por instituir os protocolos para a cerimônia de fecundação de modo a assegurar que esta fosse realizada da maneira mais impessoal possível. O sexo durante a cerimônia é extremamente protocolar, o único propósito do ato sexual é a fecundação do útero da aia. Por conta disso, é previsto na lei medidas para evitar qualquer tipo de envolvimento e intimidade entre o comandante e aia durante a cerimônia. É proibido beijar ou tocar a aia de qualquer outra forma que não seja pela penetração. Quando o comandante Fed, comandante ao qual Offred serve, tenta tocar seu rosto, por exemplo, a aia fica receosa que a esposa perceba, pois sabe que poderia ser punida por este ato considerado impróprio. É proibida a nudez, sendo a saia vermelha da aia levantada até a altura de sua cintura, mas não acima disso. A descrição de Offred sobre o ato sexual revela o caráter protocolar e pragmático do ato sexual entre ela e o comandante:

My red skirt is hitched up to my waist, though no higher. Below it the Commander is fucking. What he is fucking is the lower part of my body. I do not say making love, because this is not what he's doing. Copulating too would be inaccurate, because it would imply two people and only one is involved. Nor does rape cover it: nothing is going on here that I haven't signed up for. There wasn't a lot of choice but there was some, and this is what I chose (Atwood, 1986, p. 117).

Na descrição de Offred, a aia é completamente dissociada da parte inferior do seu corpo. Objetificada em função de sua genitália, Offred encontra dificuldades de nomear tal ato de violência. Freire (2020, p. 795) analisa a escolha de palavras da aia em seu processo de construir sentido sobre o ato sexual. Dentre os quatro vocábulos cogitados por ela, três deles supõem um consentimento mesmo que instintivo (como seria o caso do signo “copulating”, copular em português, frequentemente associado ao discurso científico sobre procriação entre animais não humanos). Ademais, o enunciado é composto por negativas: “I do not say making love”, “copulating too would be inaccurate” e “Nor does rape covers it”.

“Making love” não seria uma boa denominação por ser associada a um relacionamento romântico que não existe entre os envolvidos. Contudo, mesmo se houvesse algum sentimento afetivo entre as duas figuras, seja amistoso ou até mesmo romântico, é indubitável que seria a

exceção e não a norma. O protagonismo da cerimônia é do comandante, pois os elementos de procriação são atribuídos ao homem pela supervalorização do ato de inseminar uma mulher. Dessa forma, o sexo não é motivado por romance nem tampouco excitação ou desejo sexual, pois não é uma forma de recreação, nem mesmo para o comandante. É um trabalho, obrigação, “a serious business” (Atwood, 1986, p. 118).

It has nothing to do with passion or love or romance or any of those other notions we used to titillate ourselves with. It has nothing to do with sexual desire, at least for me, and certainly not for Serena. Arousal and orgasm are no longer thought necessary; they would be a symptom of frivolity merely, like jazz garters or beauty spots: superfluous distractions for the light-minded. Outdated. It seems odd that women once spent such time and energy reading about such things, thinking about them, worrying about them, writing about them. They are so obviously recreational (Atwood, 1986, p.117).

Offred compara o orgasmo feminino a uma frivolidade dispensável como o uso de ligas de renda ou pintas falsas. Esta comparação reflete o status do prazer feminino naquela sociedade. O ato sexual não tem a ver com desejo, não para as mulheres envolvidas, aia e esposa. Para a sociedade de Gilead, o orgasmo feminino é considerado desnecessário, uma distração, pois o único resultado dele seria o prazer da mulher e não a fecundação. Sendo a atividade sexual entre comandante e aia instituída apenas para fins reprodutivos, o prazer feminino torna-se irrelevante para o propósito da cerimônia de fecundação. As aias não precisam ser estimuladas sexualmente, pois o ato sexual não está condicionado ao desejo da aia pelo comandante. O sexo com os comandantes é considerado um trabalho, um serviço que as aias devem prestar àquela sociedade dissociado do prazer, que no contexto social de Gilead, será institucionalizado como algo recreacional. A sexualidade e prazer feminino, portanto, são reprimidos como parte de uma política de controle do corpo da mulher por um governo formado apenas por homens. Em uma organização social falocêntrica, o prazer é associado ao masculino, devendo a mulher satisfazer os desejos do parceiro como prioridade. Diante da supervalorização do orgasmo masculino em detrimento do orgasmo feminino, o verbo “copular” poderia ser adequado para descrever o ato que acontece durante a cerimônia. Freire (2020, p.796) pontua que este verbo remete a um discurso biológico e científico e que seu uso mais comum faz referência a animais não humanos (por exemplo, os leões copulam). Não obstante, o reflexo do signo concernir à relação sexual, na natureza, ele é frequentemente associado à ideia de instinto, a uma tendência biologicamente determinada associada, pelo patriarcalismo, à natureza sexualmente predatória do homem. Embora o verbo “copular”

reflita o distanciamento emocional entre os envolvidos e a ênfase no aspecto da inseminação e penetração, Offred prefere não usar esse termo: “Copulating too would be inaccurate, because it would imply two people and only one is involved (Atwood, 1986, p.117).

O vocábulo “fucking” assim como “copulating” reafirmam a dissociação, a passividade da aia durante o evento: “What he is fucking is the lower part of my body” (Atwood, 1986, p.117). Offred não está com o corpo todo presente, é evidente que o ritual diz respeito a sua utilidade que se encontra na parte inferior de seu corpo, mais especificamente em seu útero. O resto é obsoleto, insignificante; ela se separa da parte de baixo de seu corpo e, implicitamente, declara que o próprio Comandante a dissocia de sua metade inferior (Freire, 2020, p. 796). Além disso, a definição do ato sexual como “foder” alguém, em decorrência da implícita passividade do parceiro, pode remeter ao estupro. No entanto, a aia se recusa a usar esta palavra para definir o que acontece durante a cerimônia: “Nor does rape cover it: nothing is going on here that I haven't signed up for. There wasn't a lot of choice but there was some, and this is what I chose” (Atwood, 1986, p. 117). A resistência de Offred evidencia um processo de normalização da violência sexual como parte “natural” da concepção. Percebe-se que a descaracterização do estupro como violência sexual é um projeto político quando o Estado impõe à mulheres férteis que engravidem de comandantes por vias “naturais”, ou seja, através do ato sexual, proibindo a inseminação artificial por considerá-la uma prática irreligiosa.

De acordo com Freire (2020,p.797) refração do signo “rape” é evidente: a República de Gilead não considera a Cerimônia um ato de violência sexual, mas uma necessidade para o funcionamento da sociedade, sem esquecer de evocar a sua fundamentação bíblica. Para Bourdieu (2012), características biológicas são resultado de um trabalho de socialização do biológico, no caso o sexo, que produz nos corpos e mentes uma construção social naturalizada, o que, segundo o autor, trata os gêneros como habitus sexuais. Segundo a divisão sexual do trabalho em Gilead, é função das aias gerar filhos para os comandantes. O habitus associado a essas mulheres se refere à servidão e submissão sexual. Elas devem cumprir seu papel de gestoras sendo mulheres férteis para que àquelas que são inférteis possam desempenhar o papel de mães.

Offred explica que “nada está acontecendo aqui que eu não tenha concordado formalmente em fazer. Não havia muita escolha, mas havia alguma, e isso foi o que escolhi” (Atwood, 1986, p. 117). Desse modo, é possível que Offred nutra uma ilusão sobre a extensão do seu livre-arbítrio quanto se tornou uma aia, mas caso ela realmente tenha recebido a escolha entre ser uma Martha ou uma aia, sua escolha é condicionada pela situação em que

esteve quando o novo regime foi imposto (Freire, 2020, p.797). Uma mulher, como Offred, considerada fornicadora, teria no serviço da aia sua única forma de expiar seus pecados, pois através do sexo com os comandantes, poderiam ser santificadas. A mulher fértil que nega tal dádiva, deixa de ser vista como uma mulher em Gilead e passa a ser uma não-mulher cujo destino seria o trabalho forçado nas Colônias. É questionável o conceito de livre-arbítrio concedido às mulheres férteis quando a realidade da vida nas Colônias equivale a uma sentença de morte. O serviço como aia, diante desta ameaça, poderia ser um modo de sobreviver no regime. Aias que engravidam de pelo menos um comandante jamais serão enviadas pelas Colônias (Atwood, 1986, p.156).

Enquanto para as aias o sucesso da fecundação é essencial para a sua sobrevivência, para os comandantes engravidar uma serva é uma forma de reafirmar seu status na sociedade, podendo ser dadas a esses homens uma promoção caso o bebê nasça saudável (Atwood, 1986, p.156). Os comandantes não recebem nenhum tipo de punição caso a fecundação não seja bem-sucedida, mas podem ser punidos se tiverem relações sexuais com as aias fora da noite de cerimônia ou caso não cumpram os protocolos definidos para a inseminação da aia. Mesmo o sexo durante a cerimônia sendo centrado na figura do comandante, estes homens não podem exercer seu poder sobre as mulheres como bem entendem. Ironicamente, as restrições que limitam o sexo à copulação também parecem não contemplar o prazer masculino em sua totalidade. Em sua descrição sobre o ato sexual, Offred chama atenção para a falta de excitação no comportamento do comandante Fred:

He [the commander] is preoccupied, like a man humming to himself in the shower without knowing he's humming; like a man who has other things on his mind. It's as if he's somewhere else, waiting for himself to come, drumming his fingers on the table while he waits. There's an impatience in his rhythm now. But isn't this everyone's wet dream, two women at once? They used to say that. Exciting, they used to say (Atwood, 1986, p.117).

O comandante parece não desfrutar do ato sexual. Não há nenhum tipo de excitação em seu comportamento, pelo contrário, há preocupação e impaciência pela espera do próprio orgasmo como se quisesse terminar logo com aquilo. Parece contraditória a atitude do comandante durante o ato sexual quando aquela seria uma forma de exercer controle e dominação sobre o corpo da aia e da esposa. Aquelas duas mulheres estariam ali para servi-lo, passivas, enquanto esperam que ele termine seu serviço. Offred observa que esta costumava ser uma fantasia erótica comum nos tempos antes do regime. Mesmo sendo o estupro das aias uma forma de reafirmar seu poder sobre aquelas mulheres em posição de submissão, o

comandante age de maneira protocolar, seu corpo desempenha movimentos automáticos sem vigor enquanto sua mente parece estar em outro lugar. Sua atitude parece estar relacionada com as restrições à expressão de seus desejos sexuais, proibidos durante a cerimônia por uma lei que o próprio comandante Fred ajudou a criar. Os comandantes também têm sua liberdade sexual reprimida por um Estado que condena sexo como forma de prazer, sendo santo apenas o sexo para fins de reprodução. Como consequência disso, um homem casado com uma mulher, supostamente infértil, se não tiver o status necessário para solicitar os serviços de uma aia, seria proibido de praticar sexo, uma vez que o sexo extraconjugal só é permitido aos homens do alto escalão como parte de uma cerimônia religiosa. Percebe-se pela forma como a sexualidade masculina é controlada pelo Estado que o sexo em Gilead, para além de sua finalidade reprodutiva, é usado para reafirmar o status e a posição de poder que os comandantes têm em relação às mulheres e aos homens de castas inferiores. Homens de baixo status social, como Nick, motorista do comandante Fred, precisam de autorização para se casar, precisam se provar dignos de um privilégio como esse (Atwood, 1986, p.28). Embora as relações de opressão intrínsecas à organização social da República de Gilead tenha como alvo as mulheres, principalmente as mulheres férteis, homens que integram classes sociais menos privilegiadas também são privados de suas liberdades individuais, sendo um grupo oprimido e não agentes de opressão como os Comandantes dos Fiéis.

Enquanto é imposto a homens de castas mais baixas na hierarquia social total abstinência sexual, os comandantes encontram formas de satisfazer seus desejos sexuais em bordéis clandestinos. Na parte XII do conto, intitulada Jezebels, Offred é levada às escondidas por seu comandante a um estabelecimento onde homens da elite de Gilead e de outros países têm encontros sexuais com prostitutas (Atwood, 1986, p. 207-269). O nome do lugar onde as mulheres que não se enquadraram nos moldes da nova forma de organização foram reunidas é sintomático, pois faz referências à rainha Jezebel que, na Bíblia, busca equiparar o seu deus com o Deus de Israel e, para tanto, perseguiu os profetas e todos os que se pusessem contra seus dogmas, condenando-lhes à morte impiedosamente (Zukoski e Tardivo, 2018, p.277). Algumas dessas mulheres eram prostitutas antes de Gilead, enquanto outras, antes advogadas, sociólogas e empresárias, preferem se prostituir a viver nas Colônias ou trabalhar como Aias.

A aparente contradição entre a existência de um prostíbulo em uma sociedade estruturada a partir de um moralismo religioso é justificada pelo comandante Fred como algo essencial para o equilíbrio social. Seria uma consequência da necessidade biológica que o homem de ter múltiplas parceiras.

“Nature demands variety, for men. It stands to reason, it’s part of the procreational strategy. It’s Nature’s plan.” I don’t say anything, so he goes on. “Women know that instinctively. Why did they buy so many different clothes, in the old days? To trick the men into thinking they were several different women. A new one each day.” (Atwood, 1986, p.37).

Fred tenta naturalizar relações sexuais extraconjugais mesmo sendo o adultério condenado pela Bíblia e, por esse motivo, criminalizado pelos Filhos de Jacó, grupo que governa Gilead do qual o próprio Fred faz parte. A fala de Fred reflete a normalização de um comportamento sexual predatório associado à natureza do homem. O homem precisa de variedade como uma parte de uma estratégia de procriação enquanto as mulheres devem ser fiéis a seus parceiros. O comandante expõe a hipocrisia de um sistema extremamente machista e misógino que torna a monogamia compulsória apenas para as mulheres enquanto os poderosos de Gilead podem ter relações sexuais com outras parceiras além de suas esposas. Dessa forma, para além de um moralismo religioso que visa reprimir sexualmente os cidadãos, a política reprodutiva de Gilead é institucionalizada como um mecanismo de opressão, que embora tenha as mulheres como principal alvo, também atinge homens de classes sociais mais baixas. O sexo é uma forma dos comandantes, classe dominante, reafirmar seu poder e status na sociedade através da propriedade de mulheres e de seus corpos em servidão compulsória a esses homens. Segundo Atwood (2018), as classes dominantes sempre encontram os meios de obter os melhores e mais raros bens e serviços desejáveis, e como é um dos axiomas do romance que a fertilidade no Ocidente industrializado está ameaçada, o raro e desejável incluiria mulheres férteis – sempre na lista de desejos humanos, de uma forma ou de outra - e controle reprodutivo.

Tantas medidas de repressão sexual parecem incoerentes para uma sociedade que enfrenta uma grave crise de natalidade. Se o estupro das aias tivesse como real objetivo o aumento das taxas de natalidade, não deveria haver uma restrição no número de parceiros sexuais que elas poderiam ter. Tomando a perspectiva dos chefes de Estado de Gilead, pareceria mais lógico que, em caso de intervenção do governo, essas mulheres fôssem obrigadas a ter relações sexuais com homens de qualquer casta que fôssem comprovadamente férteis, ao invés de transformar as aias em propriedade exclusiva dos comandantes, mesmo alguns deles, possivelmente, sendo inférteis. Em uma consulta médica de rotina, no capítulo onze, quando o médico se oferece para inseminar Offred, ele afirma que a maioria dos comandantes, “esses velhos”, são impotentes ou estéreis (Atwood, 1986, p.77). Offred se espanta com a declaração do médico pois sabe que em Gilead não existe homem estéril, pelo

menos, não oficialmente. Existem apenas mulheres que são fecundas e mulheres que são estéreis, essa é a nova lei (Atwood, 1986, p.77). Com medo de ser descoberta e enviada para as Colônias, Offred recusa a proposta do médico, mesmo sabendo que seu prazo para engravidar está acabando. Se dentro de um período de dois anos de serviço, a aia não der à luz a um bebê saudável para um comandante, ela é enviada para as Colônias.

Em Gilead, enquanto as mulheres devem se provar férteis como forma de assegurar sua sobrevivência, a fertilidade dos comandantes nunca é questionada, tampouco posta à prova. Questionar a esterilidade de homens, principalmente dos comandantes, significa questionar também sua virilidade e potência sexual que são uma forma de demonstrar poder e superioridade em relação à mulher. Em uma sociedade patriarcal, como Gilead, a importância do macho na fecundação faz transferir a importância da figura feminina como representação da fertilidade para a noção segundo a qual o homem seria o elemento-chave neste evento. Dele é que saia a semente que fertilizava o solo e não mais da mulher que até então conceberia por si mesma e canalizaria os favores divinos para a fertilidade da terra através de cultos em que a nudez feminina em contato com o solo era uma das expressões rituais (Rocha, 2012).

Percebe-se que o estupro das aias em Gilead, pouco tem haver com índices de natalidade. O sexo é, na verdade, uma forma dos comandantes, classe dominante, reafirmar seu poder e status na sociedade através da propriedade de mulheres e de seus corpos em servidão compulsória a esses homens. Por qual outro motivo a inseminação artificial seria proibida se não fosse para subjugar mulheres através da violação dos seus corpos? Por quê privar as aias de seus direitos, apagar suas identidades e afastá-las de seus filhos quando essas mulheres são apenas barrigas de aluguel para os comandantes e suas esposas? Percebemos que a opressão direcionada às aias pouco tem a ver com a crise humanitária de natalidade, uma vez que tais medidas podem ter o efeito contrário ao esperado quando há a possibilidade de os comandantes serem inférteis.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho de conclusão de curso, eu me propus a investigar os aspectos sociais que motivam a violência de gênero que lemos em O Conto da Aia (1985). A motivação para a violência sexual cometida contra as aias, mulheres férteis em uma sociedade

que sofre com uma grave crise de infertilidade pareceria contraditório e as medidas tomadas para lidar com a crise ineficientes. Em um contexto de crise demográfica, como a descrita por Offred, narradora-protagonista do conto, mulheres capazes de engravidar deveriam constituir a casta mais privilegiada de Gilead. No entanto, estas mulheres constituem uma das classes mais oprimidas do regime. Destituídas do direito sobre seus próprios corpos, tornam-se escravas sexuais dos homens do alto escalão do regime, Comandantes dos Fiéis, devendo gerar seus filhos. Assim como outras questões suscitadas pela leitura do relato de Offred, a contradição na organização social de Gilead não é explicada, embora possa ser justificada pelo patriarcalismo daquela sociedade.

Símbolos patriarcais estão presentes em toda obra. As vestimentas que determinam a função social de cada mulher, a divisão das mulheres em castas em função de sua fertilidade e, no caso das aias, a imposição de um novo nome que a identifica como propriedade do comandante. A estrutura social de Gilead foi construída centrando todas as atividades nos comandantes, classe que detém o poder em Gilead. Assim como no patriarcalismo, a obra de Atwood retrata uma sociedade na qual as mulheres não possuem voz, direitos e uma identidade. As mulheres não são vistas como indivíduos, nem mesmo as esposas, aquelas que ocupam o mais alto cargo que pode ser ocupado por uma mulher em Gilead.

Segundo Molari (2019, p.188), a dominação masculina e o patriarcalismo são conceitos que possuem núcleos similares: ambos se sustentam na submissão das mulheres. Na República de Gilead, as mulheres devem ser submissas aos homens, pois são percebidas como seres inferiores, são subjugadas como parte de sua propriedade (Atwood, 1986, p. 101). Dentro desse contexto, as aias, servas sexuais dos comandantes, são objetificadas como sendo “úteros de duas pernas”.

Percebe-se pelo relato da Offred que a objetificação das mulheres em Gilead nada tem a ver com a crise demográfica que assola a população caucasiana. As medidas tomadas pelo governo para controlar e reprimir a sexualidade de seus cidadãos parece ser orientado por um moralismo religioso que oprime a todos, inclusive ao comandante. Através de um discurso religioso extremista a violência sexual contra as aias é legitimada, sendo naturalizada como parte do “plano de Deus”. A religião, nesse contexto, é instrumentalizada de forma a legitimar o patriarcalismo que oprime as mulheres.

Em minha análise, considere os mecanismos usados por esta teocracia para dissociar a função das aias da violência sexual da qual são vítimas. Através da ritualização do ato sexual

entre comandante e aia, o ato de fecundação torna-se um trabalho protocolar para os envolvidos, destituído de qualquer elemento de sensualidade ou desejo sexual. O sexo seria mais uma forma de de os homens do alto escalão exercer dominação sobre as mulheres e reafirmar seu status, pois apenas homens da elite poderiam solicitar os serviços de uma aia.

O Conto da Aia pode ser lido como um espelho crítico da nossa realidade em relação à violência de gênero motivada por valores patriarcais semelhantes aos que ganharam força na atualidade com a ascensão da extrema direita e do fundamentalismo religioso. A leitura da obra evidencia a fragilidade dos direitos já conquistados pelas mulheres ao longo de anos de luta feminista e, ao mesmo tempo, suscita o questionamento sobre a desigualdade social entre homens e mulheres na nossa sociedade.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATWOOD, Margaret. *Maldita Profecia*, El País, 15 de maio de 2017. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/12/eps/1494603374_701338.html. Acessado em 20 de dezembro de 2022.

ATWOOD, Margaret. *Margaret Atwood on How She Came to Write The Handmaid's Tale*, New York, Estados Unidos, 25 de abril de 2018. Disponível em: <https://lithub.com/margaret-atwood-on-how-she-came-to-write-the-handmaids-tale/>. Acessado em 07 de fevereiro de 2022.

ATWOOD, Margaret. *The Handmaid's Tale*. Ecco, 1986.

ATWOOD, Margaret. *The Road to Utopia*. The Guardian. Londres. 14 Outubro de 2011. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2011/oct/14/margaret-atwood-road-to-ustopia>. Acesso em 13 de julho de 2021.

BÍBLIA SAGRADA, Ave Maria. Edição Claretiana – 2010 – Revisada.

BOSE, Sunaina. *The Personal Is Political: The Journey Of A Slogan*, 15 de novembro de 2017. Disponível em: <https://feminisminindia.com/2017/11/15/personal-is-political-journey-slogan/>. Acessado em 07 de fevereiro de 2022.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p.158.

BOURDIEU, Pierre. (2012). A dominação masculina. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

BOUSON, J. B. (2001). The misogyny of patriarchal culture in *The Handmaid's Tale*. In H. Bloom (Ed.), *Modern critical interpretations: Margaret Atwood's The Handmaid's Tale* (p. 41–62). Chelsea House Publishers.

CHAGAS, Inara. *Veja nove vezes em que Bolsonaro atacou os direitos das mulheres*. Brasil de Fato, Florianópolis, 08 de março de 2022. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2022/03/08/veja-nove-vezes-em-que-bolsonaro-atacou-os-direitos-das-mulheres> . Acessado em 22 de dezembro de 2022.

CRISP, Ron. Primeira Igreja Batista, 11659. Madison Pike – Independence, Kentucky 41051, EUA, 2002.

DAMASCENO, Victoria. *Postos de saúde de SP pedem autorização do marido para inserção do DIU; prática é ilegal*. UOL Notícias, São Paulo, 09 de setembro de 2021. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/09/postos-de-saude-de-sp-pedem-autorizacao-do-marido-para-insercao-do-diu-pratica-e-ilegal.shtml> . Acessado em: 09 de fevereiro de 2022.

DVORAK, Marta. *What Is Real/Reel? Margaret Atwood's 'Rearrangement of Shapes on a Flat Surface, or Narrative as Collage'*. In BLOOM, Harold (Ed.). *Modern Critical Interpretations - Margaret Atwood's The Handmaid's Tale*. Cambridge Collections Online. Chelsea House Publishers, 2001, p.141-154.

Ender, Evelyne. *ArchiTEXTS of Memory: Literature, Science, and Autobiography*. Ann Arbor: U of Michigan P, 2005. Print.

Engel, Susan. *Context is Everything: The Nature of Memory*. New York: W. H. Freeman, 1999. Print.

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. (2007). A mulher como “o outro”: a filosofia e a identidade feminina. *Revista da Faculdade de Letras: Filosofia*, Porto, v. 23-24, n. 2. Disponível em: <<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5612.pdf>>. Acesso em: 15 de novembro de 2022.

Foust Vinson, Sarah Katherine, *"Storied Memories: Memory as Resistance in Contemporary Women's Literature"* (2010). Dissertations. 176. https://ecommons.luc.edu/luc_diss/176.

FREIRE, Luísa. *O discurso religioso e violento em O conto da aia: o embate de vozes em A cerimônia*. Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 9, n. 3, p. 784-801, set.-dez. 2020.

GRACE, Dominick M. *The Handmaid's Tale: 'Historical Notes' and Documentary Subversion*. In BLOOM, Harold (Ed.). *Modern Critical Interpretations - Margaret Atwood's The Handmaid's Tale*. Cambridge Collections Online. Chelsea House Publishers, 2001, p.155-166.

GRAY, Paul. *Repressions of a New Day the Handmaid's Tale*, New York, Estados Unidos, 10 de fevereiro de 1986. Disponível em: <http://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,960626,00.html> . Acessado em 08 de fevereiro de 2022.

HOGSETTE, David S. Critique Studies in Contemporary Fiction.. *Margaret Atwood's Rhetorical Epilogue in The Handmaid's Tale: The Reader's Role in Empowering Offred's Speech Act*. SUMMER, 1997, VOL. 38, NO.04.

Howells, Coral Ann. Margaret Atwood. 2nd ed. New York: Palgrave, 2005. Print.

JOHNSON, Joyce. *Magaret Atwood 's Brave New World*. Washington D.C, Estados Unidos, 2 de fevereiro de 1986. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/archive/entertainment/books/1986/02/02/margaret-atwoods-brave-new-world/46b8a0d0-4f3e-4d8c-9fae-33c394b7cf21/?utm_term=.cd4409399dcb .Acessado em 08 de fevereiro de 2022.

JÚNIOR, Oswaldo Pereira de Lima e HOGEMANN, Edna Raquel. *O Conto da Aia: a (des)personalização como dimensão epistêmico-moral fundadora da condição de sujeito de direito da mulher*. ANAMORPHOSIS – Revista Internacional de Direito e Literatura, v. 5, n. 1, p.69-93, janeiro-junho 2019.

KONG, Y.L. (2020). *An Analysis of Narrative Time in Margaret Atwood's The Handmaid's Tale in Literature and Language*, 21 (2), 55 - 59. Disponível em: <http://www.cscanada.net/index.php/sll/article/view/11885> . Acessado em 25 de abril de 2022.

LEHMANN-HAUPT, Christopher. *Sem título*. , New York, Estados Unidos, 27 de janeiro de 1986. Seção C, página 24. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1986/01/27/books/books-of-the-times-350786.html> . Acessado em 08 de fevereiro.

MALAK, Amin. “*Margaret Atwood's The Handmaid's Tale and the Dystopian Tradition*”. In BLOOM, Harold (Ed.). *Modern Critical Interpretations - Margaret Atwood's The Handmaid's Tale*. Cambridge Collections Online. Chelsea House Publishers, 2001, p.3-10.

MCCARTHY, Mary. *Sem título*. The New York Times, New York, Estados Unidos, 9 de fevereiro de 1986 Disponível em: <https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/books/00/03/26/specials/mccarthy-atwood.html> . Acessado em 08 de fevereiro de 2022.

MENEGOTTO, F. N.; INDRUSIAK, E. B. “*It didn't Happen that Way*”: *The Role of Narrative Inconsistencies in Margaret Atwood's Dystopia the Handmaid's Tale*. Gragoatá, Niterói, v.26, n.54, p. 588-619, 2021. <<https://doi.org/10.22409/gragoata.v26i55.47376>> 588.

MOLARI, Beatriz. *O Patriarcalismo em O Conto da Aia*. Revista Ártemis, vol. XXVIII nº 1; 2019, p. 179-190, jul-dez, 2019.

PALIMPESTO. In: DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA, Dicionário Online de Português. 2008 -2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org>> Acesso em: 10/11/2022.

Pinto, Céli Regina Jardim. *Feminismo, história e poder*. Revista de Sociologia e Política [online]. 2010, v. 18, n. 36 [Acessado 26 Dezembro 2022], pp. 15-23. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003>>. Epub 14 Out 2010. ISSN 1678-9873. <https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003>.

PURDY, Sean. *A nova direita e os movimentos sociais*. In PINSKY, Jaime (ed). História dos Estados Unidos das Origens ao Século XXI.. Editora Contexto, 2007, p. 257 -274.

GRACE, Dominick M. *The Handmaid's Tale: 'Historical Notes' and Documentary Subversion*. In BLOOM, Harold (Ed.). Modern Critical Interpretations - Margaret Atwood's The Handmaid's Tale. Cambridge Collections Online. Chelsea House Publishers, 2001, p.155-166.

ROCHA, Ivan Esperança, A passagem do Deus Feminino para o Deus masculino: um olhar sobre a religião oriental primitiva. Artigo apresentado durante a XXIX semana de História, Assis, UNESP, Outubro/2012.

ROCHA, Ivan Esperança, A passagem do Deus Feminino para o Deus masculino: um olhar sobre a religião oriental primitiva. Artigo apresentado durante a XXIX semana de História, Assis, UNESP, Outubro/2012.

ROCHA, Ludmylla. *Brasil é 'virgem que todo tarado de fora quer', diz Bolsonaro*. Poder360, 07 de julho de 2019. Disponível em <https://www.poder360.com.br/governo/brasil-e-virgem-que-todo-tarado-de-fora-quer-diz-bolsonaro/>. Acessado em 22 de dezembro de 2022.

SADEGHI Zahra & MIRZAPOUR Narges. *Women of Gilead as colonized subjects in Margaret Atwood's novel: A study of postcolonial and feminist aspects of The Handmaid's Tale*, Cogent Arts & Humanities, 7:1, DOI: [10.1080/23311983.2020.1785177](https://doi.org/10.1080/23311983.2020.1785177).

SADI, Andreia. *Bolsonaro disse 'pintou um clima' por achar que 'meninas venezuelanas estariam se prostituindo', diz PP de Ciro Nogueira*, G1, 18 de outubro de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/andreia-sadi/post/2022/10/18/bolsonaro-disse-pintou-um-clima-por-achar-que-meninas-venezuelanas-estariam-se-prostituindo-diz-partido-de-chapa-do-presidente.ghtml>. Acessado em 20 de dezembro de 2022.

ZIRBEL, Ilze. Ondas do Feminismo. Blog Mulheres na Filosofia, São Paulo, 20 de junho de 2015. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ondas-do-feminismo/> . Acessado em 04 de fevereiro de 2022.

ZUKOSKI, Ana Maria Soares; TARDIVO, André Eduardo. “Bendito seja o fruto” / “que o senhor possa abrir”: distopia, religiosidade e repressão em O conto da Aia (1985), de Margaret Atwood. Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 7, n. 1, p. 267-284, jan.-abr. 2018.